



Biblioteca Breve

SÉRIE LITERATURA

LITERATURAS AFRICANAS
DE EXPRESSÃO PORTUGUESA
I

COMISSÃO CONSULTIVA

JACINTO DO PRADO COELHO
Prof. da Universidade de Lisboa

JOÃO DE FREITAS BRANCO
Historiador e crítico musical

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA
Prof. da Universidade Nova de Lisboa

DIRECTOR DA PUBLICAÇÃO
ÁLVARO SALEMA

MANUEL FERREIRA

Literaturas Africanas
de Expressão
Portuguesa

I

INTRODUÇÃO GERAL
CABO VERDE
S. TOMÉ E PRÍNCIPE
GUINÉ-BISSAU



M.E.I.C.

SECRETARIA DE ESTADO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Título

Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa — I

Biblioteca Breve / Volume 6

Instituto de Cultura Portuguesa
Secretaria de Estado da Investigação Científica
Ministério da Educação e Investigação Científica

© Instituto de Cultura Portuguesa
Direitos de tradução, reprodução e adaptação,
reservados para todos os países

1.ª edição — 1977

Composto e impresso
nas Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand
Venda Nova - Amadora — Portugal

Maio de 1977

ÍNDICE

<i>INTRODUÇÃO GERAL</i>		Pág.
1. Descobertas e expansão		7
2. Literatura colonial.....		9
3. Século XIX — Sentimento nacional.....		14
Angola		14
Cabo Verde.....		19
Moçambique.....		26
Guiné-Bissau.....		27
S. Tomé e Príncipe.....		28
Perspectiva Geral.....		32

CABO VERDE

1. Lírica	34
2. Narrativa.....	60
3. Drama.....	69
4. Bilinguismo cabo-verdiano	69
<i>Raízes</i> (nota final).....	73

S. TOMÉ E PRÍNCIPE

1. Lírica	76
2. Narrativa.....	82
3. A expressão em crioulo	82

GUINÉ-BISSAU

1. Lírica	85
2. A expressão em crioulo	91
<i>Notas</i>	92
<i>Bibliografia</i>	114
<i>Índice de autores, obras e temas</i>	126

INTRODUÇÃO GERAL

DESCOBERTAS E EXPANSÃO

A literatura africana de expressão portuguesa nasce de uma situação histórica originada no século XV, época em que os portugueses iniciaram a rota da África, polarizada depois pela Ásia, Oceania, Américas. A historiografia e a literatura portuguesas, sob a óptica expansionista, testemunham o «esforço lusíada» da época renascentista. Cronistas, poetas, historiadores, escritores de viagem, homens de ciência, pensadores, missionários, viajantes, exploradores, enobreceram a cultura portuguesa e, em muitos aspectos, colocaram-na ao nível da ciência e das grandes literaturas europeias.

Gomes Eanes de Zurara, João de Barros, Diogo do Couto, Camões, Fernão Mendes Pinto, Damião de Góis, Garcia de Orta, Duarte Pacheco Pereira, são alguns dos nomes cujo discurso é alimentado do «saber de experiência feito» alcançado a partir do século XV, em declínio já no século XVII e esgotado no século XVIII. A obra de um Gil Vicente ou, embora escassamente, a de poetas do *Cancioneiro*, ao lado das «coisas de folgar», foram marcadas pela Expansão ao longo dos «bárbaros reinos». Estamos, assim, a referir uma literatura feita por portugueses, fruto da aventura no Além-Mar, no

período renascentista. Hernâni Cidade e outros glorificam-na no espírito da dilatação da «Fé e o Império» (*A literatura portuguesa e a expansão ultramarina*, 1963 e 1964, 2 vols). Chamemos-lhe a literatura das Descobertas e Expansão.

É evidente que esta literatura, nascida de uma experiência planetária, numa época em que o mundo cristão reconhecia o direito à dominação, à depredação e até à barbárie (a cruz numa mão, e a espada noutra) nada tem a ver com a literatura africana de expressão portuguesa. Este registo destina-se apenas ou, sobretudo, a retermos factos longinquamente relacionados com o quadro cultural e político que, séculos depois, havia de surgir, e é a razão primeira destas páginas.

Quando e como surgiu a literatura africana de expressão portuguesa? E como se desenvolveu?

Os portugueses chegaram à Foz do Zaire em 1482 e, em 1575 ¹, fundaram a primeira povoação portuguesa, São Paulo de Assunção de Loanda, hoje capital de Angola. Dos primeiros contactos com o Reino do Congo dá-nos testemunho a correspondência trocada entre os reis do Congo e os reis de Portugal, além de documentos, como os relatórios dos padres jesuítas de Angola. Mas o aparecimento de uma actividade cultural regular na África associa-se intimamente à criação e desenvolvimento do ensino oficial e ao alargamento do ensino particular ou oficializado ², à liberdade de expressão e à instalação do prelo, que se registam a partir dos anos quarenta do século XIX ³.

LITERATURA COLONIAL

Com efeito, quatro anos apenas após a instalação do prelo em Angola ocorre a publicação do livro *Espontaneidades da minha alma* (1849), do angolano, mestiço ao que parece, José da Silva Maia Ferreira, o primeiro livro impresso na África lusófona ⁴. O primeiro livro impresso mas não a mais antiga obra literária de autor africano. Por pesquisas que recentemente levámos a cabo é anterior àquele, pelo menos, o poemeto da cabo-verdiana Antónia Gertrudes Pusich, *Elegia à memória das infelizes vítimas assassinadas por Francisco de Mattos Lobo, na noite de 25 de Junho de 1844*, publicado em Lisboa no mesmo ano. Entretanto não será deslocado citarmos o *Tratado breve dos reinos (ou rios) da Guiné*, escrito em 1594, da autoria do cabo-verdiano André Alvares de Almada; e de origem cabo-verdiana se supõe ser André Dornelas, autor do século XVI, que assina uma descrição da Guiné ⁵. E até nós chegou, também, pela pena do historiador António Oliveira Cadornega, o eco de um poeta satírico, o capitão angolano António Dias Macedo, que «tinha sua veyra de Poeta».

Se a Deos chamão por tu,
e a el Rey chamão por vós,
como chamaremos nós,
a três que não fazem hum,
que o povo indiscreto, e nú
falto de experiênciã, fez
em lugar de hum três
que com toda a Cortezia
tú, nem vós, nem Senhoria
merecem suas mercês 6

Tal, porém, não nos autoriza a remontarmos as origens da poesia angolana a tão recuados tempos, como já, com alguma intemperança, se quis insinuar. Repondo, por isso, a questão com certa objectividade pode afirmar-se que a literatura africana chama a si mais de um século de existência. Este longo período de mais de um século de actividade literária está, porém, contido em duas grandes linhas: a *literatura colonial* e a *literatura africana de expressão portuguesa*. A primeira, a literatura colonial, define-se essencialmente pelo facto de o centro do universo narrativo ou poético se vincular ao homem europeu e não ao homem africano. No contexto da literatura colonial, por décadas exaltada, o homem negro aparece como que por acidente, por vezes visto paternalisticamente e, quando tal acontece, é já um avanço, porque a norma é a sua animalização ou coisificação. O branco é elevado à categoria de herói mítico, o desbravador das terras inóspitas, o portador de uma cultura superior. Exemplo: «o único país que pode explorar seriamente a África, é Portugal» (prefácio de Manuel Pinheiro Chagas a *Os sertões d'África*, 1880, de Alfredo de Sarmiento, onde aliás se pode ler sobre o negro: «É um homem na forma, mas os instintos são de

fera», p. 87). Paradoxalmente, o branco é eleito como o grande sacrificado. A aplicação do ponto de vista colonialista tem no europeu o agente dinâmico e não o opressor: «Fiel aos nossos deveres de dominador, grata ao nosso orgulho, útil às populações», escrevia um homem anti-fascista, Augusto Casimiro (*Nova largada*, 1929). Predominavam, então, as ideias da inferioridade do homem negro, que teóricos racistas, como Gobineau, haviam derramado e para as quais teria contribuído o filósofo Lévy-Bruhl com a sua tese da mentalidade pre-lógica, — sendo certo, embora, que a renunciou pouco antes de morrer.

Logo no último quartel do século XIX se encontram os pioneiros desta literatura. Mas é no período 20/30 do século XX que ela vai atingir o ponto maior: na quantidade, na marca colonialista, na aceitação do público que esgota algumas edições, concerteza motivado pelo exótico. Aí se destaca um naípe todo ele incapaz de apreender o homem africano no seu contexto real e na sua complexa personalidade. É certo que justo será destacar pela qualidade de sua escrita João de Lemos, *Almas negras*, 1937, porque nele, apesar de uma deficiente visão, se denota um meritório esforço de análise e intenção humanística. Mas, escritor português, manietado pela distanciação colonialista, por norma, dá ao seu discurso um sentido racista, hoje de inconcebível aceitação. Henrique Galvão: «A sua face negra, de beizola carnuda, tinha reflexos demoníacos» (*O vélo d'ouro*, 4.^a ed., 1936, p. 122); ou: «Era um negro esguio [o Mandobe] que «dava a impressão [...] dum excelente animal de corrida» (p. 34); Hipólito Raposo (*Ana a Kalunga*, 1926) na glorificação mística imperial: «Queimados no ardor silencioso de Golfo, em todo o

peito português vai estremeando o marulhar heróico dos *Lusíadas*» (p. 21), e outros (muitos) como António Gonçalves Videira, João Teixeira das Neves, irmão de Teixeira de Pascoaes, Brito Camacho, *Contos selvagens* (1934). Prolonga-se este tipo de literatura até aos nossos dias, com tendência, no entanto, para reflectir os efeitos de uma perspectiva humana ajustada à evolução das condições históricas e políticas, porventura o caso de Maria da Graça Freire (*A primeira viagem*, 1952) e, noutro aspecto, na actualização de uma linha que vem de Hipólito Raposo, citáremos António Pires, (*Sangue Cuanhama*, 1949). Essa incapacidade de penetrar no mundo africano terminou por se instalar na consciência de um ou outro (poucos) mais atentos, mais apetrechados do ponto de vista teórico, como é o caso de José Osório de Oliveira, que se interroga a si próprio: «Consegurei escutar nesta viagem, a voz da raça negra?» (*Roteiro de África*, 1936, p. 55).

O tempo histórico, o tempo cultural, para quem, ideologicamente, era incapaz de se furtar à insidiosa instauração do fascismo em Portugal e à inscrição legal do assimilacionismo (aí vinha já o célebre Acto Colonial, de 1930), não permitia ou não ajudava a uma tarefa de tal monta, que rejeita meros propósitos e exige uma reformulação da mentalidade do europeu.

Hoje, não há lugar para dúvidas: muitas dessas obras estão condenadas ao esquecimento, salvando-se aquelas que, apesar de prejudicadas pelas contingências de uma época e de uma mentalidade coloniais, evidenciam contudo um certo esforço humanístico e uma real qualidade estética. Mas, no conjunto, a história vai ser de uma severidade implacável e arrumará a quase totalidade desta literatura no discurso da acção

colonizadora ou no nacionalismo imperial, saudosista e deslumbrado ⁷.

SÉCULO XIX — SENTIMENTO NACIONAL

1. *ANGOLA*

É interessante notar, porém, que já na segunda metade do século XIX, paralelamente a uma literatura colonial, surgem textos de alguns escritores que não poderão ser genericamente catalogados de autores de literatura colonial. Se, por um lado, na representação do universo africano lhes falece uma perspectiva real e coerente, por outro enjeitam a exaltação do homem branco, embora possam, como é natural no contexto da época, não assumir uma atitude de oposição, típica daquilo que viria a ser a autêntica literatura africana de expressão portuguesa. Mas irrealista seria exigir isso de homens que viveram num período em que a institucionalização do regime colonial dificultava uma consciência anti-colonialista ou outra atitude que não fosse a de aceitá-la como consequência fatal da história. Manifestar nessa época recuada um sentimento africano ou uma sensibilidade voltada já para os dados do mundo africano constitui hoje, a nossos olhos, um acto de novidade e de pioneirismo. Eles são, com efeito, e neste

quadro, os antecessores de uma negritude ou de uma africanidade.

O mais remoto desses escritores, em Angola, é José da Silva Maia Ferreira, africano de nascimento e de cor, que em páginas anteriores já referimos. O seu livro de poemas *Espontaneidades da minha alma* (1849) marca assim o início da literatura angolana de língua portuguesa.

Tessitura poética frágil, é certo, mas que cumpre mesmo assim mencioná-lo, até porque de, um modo geral, a poesia angolana desse século acusa toda ela um certo rudimentarismo. A tónica deste discurso é o lirismo vasado sobretudo no amor, mas também na fraternidade, na gratidão, na recordação familiar, na amizade, no enlevo rústico ou paisagístico. E neste campo semântico variado e não muito complexo nem profundo, palpita ainda, e isto é importante, a ternura romântica de um sentimento pátrio:

Foi ali que por voz suave e santa
Ouvi e cri em Deos! É minha pátria!,⁸

subscrive José da Silva Maia Ferreira no poema «A minha terra», datado do Rio de Janeiro (1849).

Cerca de quinze anos depois outros poetas dão sinal de si em Luanda. Porém esta participação, com excepção para Cordeiro da Matta, deve-se a portugueses radicados. É o caso de Eduardo Neves (c. 1865 — séc. XX), apenas com obra dispersa. Ou o de J. Cândido Furtado (séc. XIX — 1905), também poeta, que viveu por largos anos em Angola. Parte da sua poesia (também dispersa) pode considerar-se, tal como a de outros, indiciadora de representação do tópico da cor:

Qu'importa a côr, se as graças, se a candura
Se as fórmãs divinaes do corpo teu
Se escondem, se adivinhão, se apercebem
Sob esse tão subtil, ligeiro véu? ⁹

Ou, então, Ernesto Marecos (1836-1879), que viveu em Luanda desde 1850, um dos fundadores da revista *A Aurora*, adiante citada, terminando por falecer em Moçambique. Autor de *Juca, a Matumbolla* (1865), o seu discurso é uma narração poética trabalhada sobre uma «lenda africana», que o autor situa na região da Lunda. O tema central é o crime que por amor se pratica e se redime também na morte heróica: «E buscou perdão na morte/Qual cumpria ao moço forte,/Ao leonino caçador»; e o «milagre do amor» vai assumir-se em ressurreição «juncto ao triste cemitério/Que a bella Juca escondeu» ¹⁰.

No domínio da narrativa impõe-se o nome de Alfredo Troni (1845-1904), em Luanda desde 1873, onde faleceu. Jornalista combativo e prestigiado assina o romancinho *Nga Mutúri*, publicado em folhetins nos jornais lisboetas *Diário da Manhã* e *Jornal do Comércio e das Colónias*, em 1882, e agora reeditado (1973). Centrada na área mestiça da cidade de Luanda da segunda metade do século XIX, os dons revelados em *Nga Mutúri* não são de somenos, antes pelo contrário. Desde o momento em que, sendo ainda criança, o tio é obrigado a vendê-la por força do *quituxi* (instituição jurídica africana), passando pela fase em que se transforma na mulher do branco que a comprou, depois pela viuvez (*Nga Mutúri* = Senhora Viúva), até ao momento em que o narrador dá o corte final da história, longo é o percurso da personagem principal. Através de vários sucessos e pequenas histórias encaixadas, o leque social de Luanda

vai-se abrindo a nossos olhos: relações familiares, justiça, hábitos sociais, religiosos, culinária, tradições africanas de algum modo reelaboradas, conceitos de vida, conceitos morais, etc. Alfredo Troni, revelando um conhecimento concreto da sociedade luandense, numa linguagem depurada, cingida ao real, faz gala de uma segurança organizativa invulgar e cuidada utilização de um estilo que vai à ironia repousada, a uma certa malícia subtil buscar o tom geral da narração, mas com tal ciência que, salvo uma ou outra rara excepção, se defende de uma eventual distanciação que fatalmente empobreceria o texto. No toque de relevo da crítica de costumes sobressai a alienação trazida pela assimilação cultural e a transparência da coisificação do homem negro na estrutura instável colonizado/colonizador. Em resumo, texto de prazer e texto de conhecimento.

Já terá de se atribuir menos importância ao *Romance íntimo* (1892), 2.^a ed. da série *Scenas d'África*, de Pedro Félix Machado, ao que parece nascido em Angola (c. 1860 — séc. XX). Começamos por nos convencer de que a narrativa, cuja acção se reparte por Angola e Lisboa, só a muito custo se liberta do âmbito de uma literatura colonial, mau grado a manipulação de personagens da burguesia de duvidosa honorabilidade. Incluí-la aqui é um tanto pela meia dúzia de páginas que aludem a «um importante embarque de *negros* que interessava muitos dos principaes negociantes d'aquella praça» (p. 28) e tal «embarque projectado era de oito centas cabeças... *de alcatrão* — diziam os entendidos — as quaes n'essa época, deviam render, livres para os carregadores, uns seis centos contos.» (p. 30). Como quer que seja, para um juízo definitivo, seria necessário conhecermos a série completa ¹¹.

O contributo de autores de origem africana, os «filhos do país», encontra em Joaquim Dias Cordeiro da Matta [Joaquim Ria Matta (1857 — 1894) uma fonte preciosa. Estimulado pelo missionário suíço Héli Chatelain, antropólogo ao serviço do governo americano, mais de uma vez desembarcado em Luanda, a quem se deve não só uma estimulante influência junto dos intelectuais angolanos, como também um trabalho importante no domínio da pesquisa linguística e etnográfica, de que se destaca *Folk — Tales of Angola* (1897), em edição portuguesa com o título *Contos populares de Angola*, 1964. J. Cordeiro da Matta, figura destacada da chamada geração de 1880 e um dos valores de maior evidência do século XIX, incitava os seus compatriotas a dedicarem «algumas horas de lazer para a fundação da *nossa literatura*» [o sublinhado é de quem assina este trabalho] (in *Philosophia popular em proverbios angolenses*, Lisboa, 1891). Filólogo, etnólogo, jornalista e poeta, parte da sua obra (alguns manuscritos, como os *114 contos angolanos*) perdeu-se¹². O seu livro de versos *Delirios, 1857 — 1887* (Luanda, 1887), que se considera também desaparecido, mas de que se conhecem algumas das suas poesias, avança na contribuição do tópico da cor, como no capítulo seguinte nos é dado comentar.

Outros mais se afirmam por essa época, como Jorge Eduardo Rosa e Lourenço do Carmo Ferreira, mas a maioria militando no jornalismo, em grande parte político e interveniente, não raro denunciador de prepotências e abusos da administração colonial ou de desmandos e repressões de sectores políticos e económicos. *O Eco de Angola*, por exemplo, (houve outros), fundado em 1881 era dirigido apenas por mestiços e negros (os «filhos do país»). Inclusive

assinala-se a existência, por regra efémera, de jornais e revistas como *A Aurora* (Luanda, 1856), *O Sertão* (1886), *Ensaios Literários* (Luanda, 1901), ao que parece todas desaparecidas, e *Luç e Crença* (Luanda, 1902 — 1903), para além de outras não propriamente literárias — como é o caso d’*O Comércio de Luanda* (1867) — mas que mantinham secções, pelo menos, literárias. E refira-se ainda a existência de associações literárias e culturais, havendo conhecimento concreto da Associação Literaria, Angolana ¹³. É de igual modo um jornalismo daquele teor o que, em certa medida, existiu no arquipélago do Cabo Verde e em Moçambique ¹⁴.

2. CABO VERDE

De qualquer modo, será de admitir ter sido menos resistente e organizada a vida cultural em Moçambique do que em Angola e Cabo Verde ¹⁵. É certo que de uma maneira geral os intelectuais cabo-verdianos de origem europeia terminaram por emigrar para Portugal, na maioria dos casos por motivos familiares, e foi em Lisboa que muitos se fizeram escritores, naturalmente desenraizados dos problemas da Terra-Mãe, alguns deles acabando por alcançar lugar de prestígio nos meios literários lisboetas, deixando obras de mérito, como Antónia Gertrudes Pusich (1805 — 1883) e Henrique de Vasconcelos (1875 — 1924), autor de uma vasta obra ¹⁶. No entanto, criado e accionado pelo cónego António Manuel Teixeira, o *Almanach Luso — Africano* (2 vols., 1894 e 1899) regista colaboração de natureza literária.

Porventura período ainda mal estudado, afirmações definitivas podem induzir-nos em erro. No entanto,

cada vez mais se nos enraiza esta convicção: não houve em Cabo Verde uma verdadeira literatura colonial por muito insólita que possa parecer esta afirmação. O período colonial não implica forçosamente a existência de uma literatura colonial nos termos em que para trás a designámos. A colonização, a partir da segunda metade do século XIX, havia já adquirido no Arquipélago uma feição própria. Pelo visto, a posse da terra e postos da Administração, a pouco e pouco transitavam para as mãos de uma burguesia cabo-verdiana, mestiça, branca ou negra. Isto, que não condiciona a exploração, pode condicionar as relações da exploração e alterar assim a natureza da oposição: em vez de colonizado/colonizador, flectiria, em grande parte, para explorado/explorador, tal como sucede nas sociedades de tipo capitalista, salvaguardando, claro, e sempre, os aspectos de uma situação especificamente colonial, notadamente nas relações entre o poder político e as populações.

Um exemplo elucidativo do que acabamos de afirmar, entre outros, é a narrativa de José Evaristo de Almeida, por nós há alguns anos referenciado, *O escravo*, cuja acção decorre na primeira metade do século XIX e se situa na ilha de Santiago com incidências, através de *flashbacks*, na ilha de Santo Antão, e referências a Lisboa e a Bissau ¹⁷.

Marcado, como é óbvio, pelas características da literatura do período romântico, nos segmentos da intriga ganham realce a exacerbação dos sentimentos de amor ou de fraternidade, o amor platónico, a trama dramática das relações familiares no jogo do imprevisto, chegando a esboçar-se o incesto e, de sequência em sequência, na acumulação dos acontecimentos, a

tragédia desencadeia-se, alarga-se, intensifica-se. Uma das virtudes deste texto está em que a quase totalidade das personagens manipuladas são africanas (negros, mestiços, mulatos). E o espaço é o da escravidão, abrindo-se-nos à compreensão de um mundo longínquo no tempo, permitindo uma perspectiva diacrónica de largo alcance. Assim, e em termos de escrita, ficamos a saber, *ao vivo*, que senhores de escravos havia que eram africanos: pelo menos, mulatos.

Romance libertador, procurando redimir a humilhação escrava e compreender e valorizar o homem africano em geral; organização romanesca equilibrada, a linguagem d'*O escravo* suporta o confronto com autores mais do que minimamente dotados, com ressalva para os diálogos, demasiadamente retóricos, desajustados à capacidade expressiva dos protagonistas — mas esse é também um senão que se pode endossar a muitos escritores de valimento da época romântica (e não apenas).

Ora este texto de José Evaristo d'Almeida, na verdade, vem ao encontro daquilo que nos andava, até há pouco, no domínio da suspeição: o não ter havido em Cabo Verde uma literatura colonial.

O escravo é um exemplo acabado ao qual podemos juntar, também por localização recente, outros textos, e estes agora de autores cabo-verdianos. António de Arteaga: «Amores de uma creoula», 1911¹⁸ e «Vinte anos depois», 1911¹⁹; Guilherme A. da Cunha Dantas (século XIX — 1888): «Bosquejos d'um passeio ao interior da ilha de S. Thiago», 1912²⁰, «Contos singelos — Nhô José Pedro ou Scenas da ilha Brava», 1913²¹, e «Memória de um rapaz pobre», romance, 1913²²; Eugénio Tavares (1867 — 1936): «Vida creoula na

América», 1912 - 1913 ²³, «A virgem e o menino mortos de fome», 1913 ²⁴, «Dramas da pesca da baleia», 1913 ²⁵. E com este registo, que ora se faz, ao que julgamos pela primeira vez, se começa a preencher a grande lacuna que vinha envolvendo o quadro histórico da literatura cabo-verdiana no século XIX e começos do século XX.

De um modo geral, estes autores procedem às suas abordagens colocando-se *dentro* do universo cabo-verdiano e o seu registo é dominado pelo concurso de algumas das contradições do sistema social, donde uma mensagem criticamente positiva e esclarecedora.

Cedo em Cabo Verde se teria criado e desenvolvido o ensino primário particular, e depois o secundário. Há notícia (assinalamo-lo em nota), da criação de bibliotecas, como a da Praia, de associações culturais, entre outras.

O padre António Vieira, numa das suas derrotas para o Brasil, de passagem pela que é hoje cidade da Praia, capital de Cabo Verde, dá-nos uma ajuda para visionarmos um tanto melhor esse grau de desenvolvimento e saber, havido já no recuado século XVII: «São todos pretos, mas sómente neste accidente se distinguem dos europeus. Tem grande juízo e habilidade, e toda a política que cabe em gente sem fé e sem muitas riquezas, que vem a ser o que ensina a natureza». Adiantava ainda que havia ali «clerigos e conegos tão negros como azeviche; mas tão compostos, tão auctorizados, tão doutos, tão grandes musicos, tão discretos e bem morigerados, que podem fazer invejas aos que lá vemos nas nossas cathedraes» ²⁶.

Por outro lado, ali se vai reestruturando uma cultura caldeada nos valores africanos e europeus, tendendo para uma univalência cultural e construindo uma

harmonia racial que contrasta, por exemplo, com o caso antilhano — e isto para referirmos um fenómeno de aculturação também de natureza insular. O sentimento da cor da pele tão diluído é que a literatura cabo-verdiana não chega a denunciar a cor das personagens. E, se tal acontece, a distinção vem envolvida de uma carga afectiva ²⁷.

Tudo quanto vem de dizer-se pressupõe não só a existência de condições propícias ao aparecimento de produtores de textos como também à formação de uma literatura de características especiais no seio do próprio século XIX. A maioria sem livro publicado, é certo. Aos nomes já referidos juntamos mais os de poetas como Luiz Theodoro de Freitas e Costa, (1908 — Séc. XX), José Maria de Sousa Monteiro Junior (1846 — 1909) e Custódio José Duarte, (1841 — 1893), este último possivelmente sem livro publicado. E a estes há que agrupar figuras esquecidas por jornais, revistas e almanaques, como Manuel Alves de Figueiredo de Barros, (1895 — séc. XX), António Corsino Lopes da Silva (1893 — séc. XX), João Mariano, (1891 — séc. XX), já citado, Gertrudes Ferreira Lima (séc. XIX — séc. XX), todos poetas. Como poetas são Joaquim Maria Augusto Barreto (1850 — séc. XIX), Luis Medina Vasconcelos (séc. XIX — séc. XX), Rodrigo Aleixo ou, com obra publicada, João José Nunes, (1885 — c. 1965/6), Mário Duarte Pinto, (1887 — 1958) ²⁸. A partir da década de vinte o nome que se impõe à consideração pública é o de José Lopes (1872 — 1962), de par com o de Eugénio Tavares (1867 — 1930) (este, essencialmente de expressão dialectal) e o do poeta bilingue Pedro Cardoso (c. 1890 — 1942), também autor do estudo

Folclore caboverdiano (1933; finalmente, Januário Leite (1865 — 1930).

Foi todo este percurso de quase um século que funcionou como fermento da original explosão trazida pela *Claridade*, como um «longo processus subterrâneo de consciencialização cultural» (Jaime de Figueiredo in Introdução à antologia *Poetas modernos cabo-verdianos*, 1961, p. XVI).

Mas, pergunta-se: José Lopes ou Pedro Cardoso (este enquanto poeta de língua portuguesa) ou Januário Leite trouxeram ou não uma contribuição válida para a moderna poesia? Considera-se a autêntica literatura cabo-verdiana aquela que exprime a *cabo-verdianidade*, ou seja o conjunto de textos cujo enunciado reflecte o real cabo-verdiano. Com frequência, e alguma veemência, a partir de década de trinta, a questão ficou devidamente clarificada e demarcada, embora nem sempre isenta de excessos, como quase sempre acontece em momentos de ruptura (e a parte de responsabilidade que nisso nos cabe não a queremos enjeitar)²⁹.

Mas importa averiguar por que razão estes escritores, com especial relevo para José Lopes, sofreram o ataque e depois a marginalização das gerações que lhes sucederam. Os intelectuais e escritores, a partir da *Claridade*, como adiante teremos ocasião de verificar, projectaram o seu esforço criador nos grandes segmentos que representavam ou simbolizavam a parte viva da sua pátria, ou seja, aquela que não adoptava os critérios e os padrões que serviam o colonialismo; e assim, aberta ou implicitamente, condenavam tudo quanto vivesse fora deste projecto nacional.

Simplemente, acontece que o arquipélago de Cabo Verde é hoje uma República independente. A sua

realidade política é, por essência, outra bem diferente. A sua realidade histórica, outra é. Com isto se conjuga também uma nova realidade cultural. A este período, logicamente corresponderá uma nova literatura ou uma nova fase da sua literatura. Subjacente ou emergente a tudo isto está uma consciência nacional. Está a formação de um profundo sentimento nacional que há-de alimentar-se nas raízes da longa história do processo social e político de Cabo Verde, não a partir da data em que a luta foi desencadeada pelo P. A. I. G. C., não a partir da data das teses de Amílcar Cabral (embora por via de tudo isto mesmo), mas a partir da remota origem cabo-verdiana.

E esta começa quando os portugueses fizeram desembarcar nas ilhas os primeiros colonos e os primeiros escravos. Este será o caminho para a busca de uma totalidade histórica, política, social, económica e cultural. Concomitantemente, o mesmo sucederá para a sua literatura. Com isto queremos dizer que estamos convencidos (só aos cabo-verdianos competirá fazer o que julgarem por bem) que os futuros historiadores da literatura, os futuros estudiosos do processo cultural cabo-verdiano terminarão por considerar a globalidade da actividade literária levada a cabo ao longo das décadas ou de séculos pelo homem cabo-verdiano. E, deste modo, todos aqueles que foram considerados antecessores, ou precursores, terão o seu lugar próprio na história da literatura cabo-verdiana. Se este critério vier a ser considerado correcto, naturalmente ele se há-de aplicar a Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. As futuras histórias da literatura e da cultura dos novos países africanos terminarão por recuperar aqueles autores naquilo que na sua obra

houver de significação nacional. Não foi outra coisa o que aconteceu no Brasil e difícil se nos afigura que possa ser de outro modo nos casos vertentes. É evidente que, ao referirmos o Brasil, estamos a considerar sobretudo o período colonial encerrado com a independência do Brasil em 1822. Isto não invalida que, para além das eventuais ou possíveis subdivisões, não venha a considerar-se a literatura cabo-verdiana em duas grandes fases: antes e depois da *Claridade*.

3. MOÇAMBIQUE

Em Moçambique, com um índice menor de europeus do que em Angola, com uma fixação de população branca mais instável, não deveriam ter sido criadas as condições culturais suficientes para o desenvolvimento de uma actividade literária cujo eco chegasse até aos nossos dias ³⁰. Nem se dá pela presença do notável poeta português Tomás António Gonzaga (1744 — 1810), degredado do Brasil para a ilha de Moçambique cerca de 1792, onde faleceria. Não obstante, a imprensa da época faz-se eco de críticas ao poder e à administração; e a literatura, através de poemas publicados de quando em quando, ensaia os primeiros passos da sua existência. Destacam-se os semanários *O Africano* (1877), *O vigilante* (1882?), *Clamor Africano* (1892 ?) que não usavam desencadear denúncias e ataques à corrupção e ao desumano tratamento dado às populações africanas, embora por vezes revelando uma perspectiva contraditória na análise global dos problemas («Contributo para a história da Imprensa em Moçambique». Vide Bibliografia). Jornalistas

prestigiados a partir da primeira década do século XX são os irmãos, mestiços, José e João Abasini que fundam *O Africano* (1908-1920) e vão continuar a sua acção política e pedagógica em *O Brado Africano* (1918). A estes dois nomes se junta o do seu compatriota Estácio Dias. Todavia, não há, até agora, conhecimento de haver sido publicado em Moçambique qualquer romance ou livro de poemas, antes do *Livro da dor*, 1925 (contos) de João Albasini, o que não significa, de maneira nenhuma, a hipótese, ainda que remota, da existência de qualquer obra que não tenha sido ainda detectada.

Como quer que seja, para a formulação de uma correcta ideia dos valores que povoam a última parte do século XIX e a primeira do século XX, em relação a qualquer destes países, é necessário ter em conta a colaboração dada aos almanaques, com especial atenção ao *Almanach de Lembranças* (1851 — 1932), publicado em Lisboa, mas para onde convergiam muitos poetas africanos da língua portuguesa.

4. GUINÉ - BISSAU

Conforme adiante procuraremos desenvolver, não foram criadas na Guiné-Bissau condições sócio-culturais propícias à revelação de valores literários. Basta termos presente que o primeiro jornal dessa ex-colónia, o *Pró-Guiné*, foi fundado em 1924. Há, no entanto, que destacar uma figura de relevo, a solicitar as atenções da investigação, o cónego Marcelino Marques de Barros (1843 — 1929) que no campo da etnografia (*Literatura dos Negros*, 1900) desenvolveu grande aplicação,

sintonizando-se em qualidade com os especialistas portugueses coevos que, frize-se, eram de nível europeu. Para além da obra citada deixou colaboração dispersa, inclusivamente no *Almanach Luso-Africano* para 1899 (Cabo Verde), na *Revista Lusitana*, *A Tribuna*, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, *Anais das Missões Ultramarinas*, *Voz da Pátria*, na qual publicou canções e contos, dois dos quais republicados por J. Leite de Vasconcelos em *Contos populares e lendas*, vol. 1, 1964. Finalmente parece ter deixado um manuscrito: «Contos e cantares africanos», por certo da Guiné-Bissau.

5. S. TOMÉ E PRÍNCIPE

A evolução social de São Tomé e Príncipe teria sido paralela, em muitos aspectos, à de Cabo Verde ³¹. Mas, em meados do século XIX, implantando-se o sistema de monocultura, a burguesia negra e mestiça vai ser violentamente substituída pelos monopólios portugueses, o processo social do Arquipélago alterado e travada a miscigenação étnica e cultural. Mesmo assim, não podem deixar de ser considerados os efeitos do contacto de culturas. A sua poesia, de um modo geral, exprime exactamente isso; mas, na essência, é genuinamente africana.

A primeira obra literária de que se tem conhecimento relacionada com S. Tomé e Príncipe é o modesto livrinho de poemas *Equatoriaes* (1896) do português António Almada Negreiros (1868 — 1939), que ali viveu muitos anos e terminou por falecer em França. A última é a de um moderno poeta português, crítico, e professor universitário em Cardiff, Alexandre Pinheiro Torres,

cujo título, *A Terra de meu pai* (1972), nos fornece uma pista: memorialismo bebido na ilha, por artes superiores de criação literária metamorfoseada na ilha «que todos éramos neste país solitário». Sem uma revista literária, sem uma actividade cultural própria, sem uma imprensa significativa, apesar do seu primeiro periódico, *O Equador*, ter sido fundado em 1869, com uma escolaridade mais do que carencial os reduzidos quadros literários do Arquipélago naturalmente só em Portugal encontraram o ambiente propício à revelação das suas potencialidades criadoras. O primeiro caso acontece logo nos fins do século XIX com Caetano da Costa Alegre (1864 — 1890), (*Versos*, 1916) cuja obra foi deixada inédita desde o século passado. Cabe aqui, todavia, uma referência particular ao teatro a que poderemos chamar «popular», pelas características e relevância que assume no arquipélago de S. Tomé e Príncipe. Trata-se, em especial, de duas peças: *O tchiloli ou A tragédia do Marquês de Mântua e de Carloto Magno* e do *Auto de Floripes*, mas com preferência para a primeira. A segunda oriunda da tradição popular portuguesa; e *O tchiloli* supõe-se ser o auto do dramaturgo português do século XVI, de origem madeirense, Baltasar Dias, levado, tudo leva a crer, pelos colonos madeirenses na época da ocupação e povoamento. Reapropriados pela população de S. Tomé (e do Príncipe) estão profundamente institucionalizados no Arquipélago, principalmente *O tchiloli* mercê da actuação de vários grupos teatrais populares que, continuamente, se dão à sua representação, enriquecida por uma readaptação do texto e encenação, cenografia e ilustração musical notáveis.

Parece ter sido um homem infeliz, em Lisboa, o autor de *Versos*, Costa Alegre:

Tu tens horror de mim, bem sei, Aurora,
Tu és dia, eu sou a noite espessa ³²

«Aurora» aqui é um ente humano e não um fenómeno cósmico. A ambiguidade resolve-se na leitura completa do poema. Caetano da Costa Alegre utiliza este signo polissémico com a intenção, ao cabo, de ele traduzir a cor branca:

És a luz, eu a sombra pavorosa,
Eu sou a tua antítese frisante ³³

A poesia de Caetano da Costa Alegre, na quase totalidade, funciona espartilhada num mecanismo antitético. Exprime a situação desencantada do homem negro numa cidade europeia, neste caso Lisboa. *Versos* é, porventura, a mais acabada confissão que se conhece, quiçá mesmo nas outras literaturas africanas de expressão europeia, do negro alienado. Costa Alegre, não se dando conta (impossível, diríamos, no século XIX e no tempo cultural e político da área lusófona) das contradições que o bloqueavam, faz-se cativo da sua condição de humilhado:

A minha côr é negra,
Indica luto e pena;
És luz, que nos alegra,
A tua côr morena.
É negra a minha raça,
A tua raça é branca,
... ..
Todo eu sou um defeito ³⁴

Como tenta Costa Alegre desbloquear-se desta situação? Porque «negra» é a sua «raça», «todo» ele é um «defeito». Como pode ele reencontrar o seu equilíbrio psíquico? Alienado, *in*-conscienzializado, batido no deserto social em que se movimenta, então cura libertar-se através de uma compensação. Revoltando-se? Clamando contra a injustiça que o atinge? Não. Contrapondo atributos morais. «Ah! pálida mulher, se tu és bela, [...] Ama o *belo* também nesta aparêncial»³⁵. Amiúde as relações antinómicas vai buscá-las ao Cosmo:

«Só esplendor por fóra,
Só trevas é no centro!
Ó Sol, és meu inverso:
Negro por fóra, eu tenho amor cá dentro»³⁶

Com efeito, a sua poesia é a de um homem infelicitado. Amiúde recorrendo à comparação e à antítese, as figuras mais pertinentes são as que significam ou simbolizam as cores «negro» e «branco». Da erosão da sua alma transita para a obsessão infeliz, lutando por restabelecer a sua dignidade no refúgio do apelo à evidência moralizante, por norma em poemas lírico-sentimentais ou de amor. *Versos* fica como o primeiro e único texto onde o problema da cor da pele actua como motivo — e de uma forma obsessivamente dramática. Consideramo-lo o caso mais evidente de *negrismo* da literatura africana de expressão portuguesa. Alguns autores angolanos coevos de Costa Alegre deram também uma contribuição para este fenómeno, mas percorrendo um espaço menos significativo.

Perspectiva Geral

Temos deste jeito, e em resumo, o seguinte: cedo se esboça uma linha africana, irrompendo de um sentimento regional e em certos casos de um sentimento racial fundo, mas postulado ainda em formas incipientes que, tenazmente, abre um sulco profundo por entre a literatura colonial. De sentimento regional se transita para sentimento nacional, que vai dar lugar, entretanto, a uma literatura alimentada já por uma verdadeira consciência nacional e daí uma literatura africana, caracterizada pelos pressupostos de intervenção.

Ora, os fundamentos irrecusáveis de uma literatura africana de expressão portuguesa vão definir-se, com precisão, deste modo: *a*) — em Cabo Verde a partir do revista *Claridade* (1936 — 1960); *b*) — em S. Tomé e Príncipe com o livro de poemas *Ilha de nome Santo* (1943), de Francisco José Tenreiro; *c*) — em Angola com a revista *Mensagem* (1951—1952); *d*) — em Moçambique com a revista *Msabo* (1952); *e*) — na Guiné-Bissau com a antologia *Mantenhas para quem luta!* 1977.

CABO VERDE

1. LÍRICA

Interessa, desde já, reter bem este facto: a partir do início da década de trinta, e mercê de circunstâncias de natureza política, social, histórica e literária, algo ocorreu nas ilhas cabo-verdianas, a que não é alheia a influência da literatura brasileira. «Ora aconteceu que por aquelas alturas, nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas, em sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais *pro domo nostra*». É Baltasar Lopes quem isto afirma, citando autores como José Lins do Rego, Jorge Amado, Amando Fontes, Marques Rebelo. E diz que «em poesia foi um ‘alumbramento’ a *Evocação do Recife*, de Manuel Bandeira». Revelação foi ainda «um magnífico livro — a *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre, ao lado dos volumes, densos de investigação e interpretação, do malgrado Artur Ramos» (in *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*, 1956). Ou pode até admitir-se, também, a influência da *Presença* no que nela se propunha de libertação da linguagem. Uma tomada de consciência regional muito nítida se instala nos

escritores de Cabo Verde, que decidem romper com os arquétipos europeus e orientar a sua actividade criadora para as motivações de raiz cabo-verdiana. Não é ainda uma posição anti-colonial. Não é ainda, nem nada que se pareça, algo que tenha a ver com a ideia de independência política ou nacional. Porventura o problema não se poria também nestes termos, assim precisos, logo de início, ao menos generalizadamente, aos escritores do movimento parisiense da *negritude*. Mas era, em Cabo Verde, em dados de literatura, uma viragem de cento e oitenta graus: as costas voltadas aos modelos temáticos europeus e os olhos, pela primeira vez, vigilantes e deslumbrados no chão crioulo. De tal facto podem ser pontuações inequívocas não só a citada revista *Claridade*, como a que se lhe seguiu, em 1944, *Certeza*, esta sob a directa influência no neo-realismo português, o *Suplemento Cultural* (1958) ³⁷ e ainda o suplemento «Sêlô»; ou inclusive, o boletim *Cabo Verde* (1949 — 1965), órgão oficial, mas no que ele possui de mais autêntico e digno, e no campo da literatura bastante é, dado que nele colaboraram quase todos os escritores cabo-verdianos.

Aliás, em 1935, um ano antes da publicação de *Claridade*, Jorge Barbosa, um dos responsáveis por aquela revista, abre a estrada larga do realismo cabo-verdiano:

— Ai o drama da chuva,
ai o desalento,
o tormento
da estiagem!

— Ai a voragem
da fome

levando vidas!
(... a tristeza das sementeiras perdidas...)

Ai o drama da chuva! ³⁸

Os sinais da mudança são vários. O abandono dos temas obrigatoriamente europeus, como vinha acontecendo até aí, a renúncia das estruturas poéticas tradicionais (rima, métrica e outras) e a penetração definitiva no contexto humano do Arquipélago: «o drama», «desalento», «tormento», «fome», «tristeza». Nos seus dois primeiros livros: *Arquipélago* (1935) e *Ambiente* (1941) e ainda em *Caderno de um ilhéu* (1956), Jorge Barbosa procede a uma radiografia do drama social do homem cabo-verdiano: a seca, a fome, a emigração, o isolamento, a insularidade, e o mar como estrada mítica da «aventura da pesca da baleia/nessas viagens para a América/de onde às vezes os navios não voltam mais».

³⁹ Assim:

O teu destino...
O teu destino
Sei lá!

Viver sempre vergado sobre a terra,
a nossa terra
pobre
ingrata
querida!

.....

Ou outro fim qualquer
humilde
anónimo...

Ó cabo-verdiano
anónimo
— meu irmão! ⁴⁰

Via de regra, cada verso uma palavra, ou cada verso um sintagma, uma cadência ritmada, sincopadamente, para que a dor e o sofrimento se grave e avive dentro de nós. E mais: o processo, porventura invulgar para a época, da imanência de um «tu» logo associado a um «nós» no envolvimento da comunhão intensa de um discurso dramático. De resto, Jorge Barbosa é a voz plural que amiúde recorre a expressões como esta: «voz da nossa gente», a transformar o seu discurso na voz colectiva. A enumeração repetitiva, no caso presente adjectivada, mas noutros substantivada, aliada à evocação ou ao apelo afectivo, num recurso continuado à função expressiva, confere à poesia de Jorge Barbosa características dramáticas novas, trazidas pela intimidade, a denúncia, a epopeia do homem isleno vivendo no drama de «querer partir e ter que ficar!». Enfim, no dizer de Jorge de Sena, um «poeta que, nos seus grandes momentos, é uma das melhores vozes da poesia contemporânea» ⁴¹. E se ele foi o primeiro a romper a tradição de uma poesia que vinha marcando o espaço cabo-verdiano, foi também ainda o primeiro poeta das áreas africanas da língua portuguesa a lançar os fundamentos de uma nova poesia tecida numa situação colonial. A poesia de Jorge Barbosa vai dominar o panorama poético cabo-verdiano por várias décadas, de uma ou de outra maneira e com tal intensidade que só recentemente alguns poetas modernos libertaram de vez a poesia cabo-verdiana do peso estrutural barbosiano, como adiante se verá.

Jorge Barbosa teve uma ajuda, pelo menos. Nada nasce do nada. Essa ajuda, tudo leva a crer, veio dos poetas brasileiros, como assinalámos. Mas o desencadeamento catártico deu-se com a presença de António Pedro (1909-1965), um cabo-verdiano de nascimento que, em 1928, aos vinte anos de idade, visitou Cabo-Verde e ali publicou o livro de poemas *Diário* (1929). Era então um jovem poeta virado para o modernismo português. Sensibilizado para um certo vanguardismo, a sua poesia «cabo-verdiana» é um abanão nas estruturas tradicionais poéticas do Arquipélago. Por exemplo, sobre a *Morna*:

: Reminiscência dum fado
que, dançado
num maxixe,
tem a tristeza postiça,
dum cansaço.

: Um semicivilizado
lasso
balanço
embalado
sobre o ventre dum fetiche ⁴².

Era a primeira vez que alguém glosava, em nova linguagem, o tema da *morna* (e outros). Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, de um lado; António Pedro, de outro, os dados estavam lançados. Nítida a semelhança da estrutura externa das estrofes de Jorge Barbosa e António Pedro. Coteje-se o excerto de António Pedro com este de Jorge Barbosa sobre o poema «A Morna»:

Canto que evoca
coisas distantes
que só existem
além
do pensamento,
e deixam vagos instantes
de nostalgia,
num impreciso tormento
dentro
das nossa almas...

Morna
desassossego,
voz
da nossa gente
reflexo subconsciente
em nós

... .. 43

Mas se os pontos de contacto no espaço externo dos poemas de António Pedro e Jorge Barbosa são evidentes, já o mesmo não se dá na estrutura profunda da poesia de um e de outro. Em António Pedro é um pretexto, a voz distanciada («tristeza postiça, dum cansaço»); em Jorge Barbosa, um percurso interiorizado, para uma enunciação colectiva: «dentro/das nossas almas...» o «desassossego», a «voz/da nossa gente». Os demais poetas da primeira fase da *Claridade* (1935-1937) são Manuel Lopes, Osvaldo Alcântara [i. e Baltasar Lopes] e Pedro Corsino Azevedo. Destes, será Manuel Lopes o vizinho mais próximo de Jorge. Não que se fale de influências. O sinal de Manuel Lopes vem simultaneamente com o de Jorge Barbosa. Mas um dos pontos em que a poesia de Manuel Lopes se afasta da de

J. Barbosa será no tom filosofante, no por vezes solilóquio interrogativo:

Que importa o caminho
da garrafa que atirei ao mar?
Que importa o gesto que a colheu?
Que importa a mão que a tocou
— se foi a criança
ou o ladrão
ou filósofo
quem libertou a sua mensagem
e a leu para si ou para os outros? ⁴⁴

O verso é mais longo, a linguagem mais discursiva, a interpretação do mundo real cabo-verdiano mais individualizado. O «tu» em Manuel Lopes tende a ser personalizado: «Mochinho,/teu destino é seres espantalho de corvos,/tocar lata e mandar funda/de desamparinho a desamparinho/na mèrada de milho a arder» ⁴⁵; e o diálogo, mais do que admirativo é interrogativo ainda quando a sua proposta poética se situa ao nível da indagação colectiva:

Que disse a Esfinge
aos homens mestiços de cara chupada?

Esta encruzilhada
de caminhos e de raças
onde vai ter?
Por que virgens paragens se prolonga?
... ..
Que significa para eles o amanhecer? ⁴⁶

Em Pedro Corsino Azevedo, sem livro publicado, e de escassa produção poética, pelo menos a conhecida

até agora (refere-se um original perdido: «Era de ouro») é legítimo falarmos em dois mundos. Um, diríamos existencial, equacionando os sonhos e os desenganos, superando o sentido trágico da vida («Sou o atleta vencido/Renascido») ⁴⁷. Outro, o da radicação de motivações populares, como no poema muito difundido «Terra-Longe»: «Terra-longe! terra-longe!... — Oh mãe que me embalaste!/Oh meu querer bipartido!» ⁴⁸; ou em «Galinha branca»:

Galinha branca
O espectro da morte
A sorte
De todos.

Olha p'ra mim!
Assim:

Canivetinho
Canivetão
Vá
Té
França
A única esperança...⁴⁹

Com este poema ele ganha o direito a ser considerado o primeiro poeta da modernidade cabo-verdiana, uma vez que nos parece ter sido escrito por volta de 1930 ⁵⁰.

Oswaldo Alcântara (i. e Baltasar Lopes) é de todos os poetas de *Claridade* aquele que vem produzindo uma poesia mais intelectualizada. Mas nem por isso Oswaldo Alcântara deixa de ser um poeta par e passo preocupado e identificado com o seu mundo colectivo, como em «Recordai do desterro no dia de S. Silvestre de 1957»:

«O inefável invade docemente a minha tristeza./Sei que a tua espada há-de fulgar nas batalhas necessárias/e Nicolau nunca mais voltará a ser moeda/das riquezas de Caím»⁵¹. E nos seus recursos imagéticos, no seu discurso não raro metafórico ou metonímico, Osvaldo Alcântara marca a sua linguagem de uma exigência estética nem sempre alcançada por outros. Poesia habitada por uma consciência dialéctica, num permanente apelo às forças da reprodução mutativa. Recobre um espaço entretecido do cósmico, do social, da tradição popular, das forças criadoras da vida e da acção, de tal modo interiorizado e fundido no impulso poético, mas redimido pela racionalização: «Quem me dera ser estereoscópio para disciplinar as minhas sensações». Um dos seus últimos poemas, publicado em 1973, sagra-se pelo registo da esperança ao ritmo de uma pulsação radiosa, e nele, e com ele, Osvaldo Alcântara firma-se no chão real do espaço e do tempo cabo-verdianos:

Onde há o Tântalo de todas as recusas
e tudo gerou nada
e o tempo desembocou no presente
e no chão podre de húmus malditos
o presente só tem para ti uma colheita clandestina
esperança esperança esperança⁵².

À *Claridade* sucede a geração de a *Certeza* (1944). Nem sempre o conceito de geração corresponde a uma demarcação estética ou ideológica. Mas neste caso corresponde. O grupo de *Certeza* todo ele perfilha o ponto de vista neo-realista. São, portanto, marxistas. Quando os componentes do grupo tomaram conhecimento de *Claridade*, e logo a seguir da proposta

dos neo-realistas portugueses, abandonaram os possíveis liames com um passado e assumem, na ilha, o drama colectivo que feria grande parte da humanidade: a Segunda Grande Guerra Mundial. E é já no *entendimento* do que ela significa que Guilherme Rocheteau diz: «Ao longe/na distância da manhã por vir,/a indecisão das camuflagens/e do rumor da guerra,/há agonias esbatidas no negro-fumo/da pólvora/dos homens que se batem./Aquem, é a luta na rectaguarda!»⁵³. Mas esta visão dialéctica exprime-a também Tomaz Martins, aliás autor de uns escassos três poemas, tal como aquele seu companheiro de jornada: «Eu quero verte/compreendendo o fogo do camarada irmão/nesta luta incerta que é a sua certeza»⁵⁴. Nuno Miranda (*Cais dever partir*, 1960; *Cancioneiro da ilha*, 1964) foi nessa altura uma esperança. Então ele, na ufania de si próprio, revelava-se com o pseudónimo de Manuel Alvarez: «Numa noite qualquer [...] tombaram um por um, os falsos deuses!...»⁵⁵ — para, entretanto, vinte anos depois, se carpir no mundo confuso em que se deixou mergulhar, e com a consciência da crise que o destruíra: «a nave» «tomba de leve no arquejo/das cousas caladas da noute»⁵⁶.

Arnaldo França, um dos mais dotados poetas da *Certeza*, teima em continuar ignorado escrevendo pouco (julgamos) e publicando nada, depois do seu breve e útil ensaio *Notas sobre poesia e ficção cabo-verdianas* (Sep. *Cabo Verde* (nova fase), n.º 157. Praia, Cabo Verde 1962). Mas o rastro por ele deixado é o de um lírico com a consciência do peso real das palavras, e ciente dos caminhos difíceis da aprendizagem poética. Há «muros altamente inacessíveis» no trânsito para «a conquista da poesia»:

Era um castelo erguido na montanha
da paisagem deserta submarina
tinha muros altamente inacessíveis
ao salto imaginário do meu pensamentos ⁵⁷

Poeta lírico mas que preenche a sua mensagem de conotações ideológicas precisas, evidentes até em títulos de poemas como «Paz» (é preciso lembrar o contexto: 1960) e exigir a paz era (é) combater a opressão, era efectuar o registo do «testamento para o dia claro». O seu discurso semeado de «sonhos», «encantamentos», «vigília», «silêncio», «distância», «pétalas dispersas», ou a «alma que se desprende em luz» ganha um relevo a um tempo tranquilo («Meus sonhos quem os fez nascer tranquilos/serenos?») e inquieto, que lhe sobe da «voz desperta». Há nele uma sabedoria que pré-anuncia um futuro na «esperança nova» porque a felicidade «só na comum seara se renova».

Mas no horizonte lívido do dia
Recuam quando passa a nuvem fria
Os pássaros metálicos da noite.

E na amplidão da luz que resplandece
É de ti que surgiu a mão que tece
A esperança nova à humana sortes ⁵⁸.

Colocaríamos agora o nome de António Nunes (*Devaneios*, 1938; *Poemas de longe*, 1945) que, em 1944, mandava de Lisboa, para o n.º 2 de *Certeza* o «Poema de amanhã». Poema de intencionalidade unívoca, com ele António Nunes se impunha como o primeiro poeta neo-realista cabo-verdiano a estabelecer a oposição

colonizado/colonizador. Com efeito, nesse poema o «tu» é «Mamãe», a terra cabo-verdiana, mas subjacente está um «ele», o outro que dispõe dos homens, o colonizador:

— Mamãe!
sonho que, um dia,
estas leiras de terra que se estendem,
quer seja Mato Engenho, Dacabalaio ou Santana,
filhas do nosso esforço, frutos do nosso suor,
serão nossas.
E, então,
O barulho das máquinas cortando,
águas correndo por levadas enormes,
plantas a apontar,
trapiches pilando,
cheiro de melação estonteando, quente,
revigorando os sonhos e remoçando as ânsias
novas seivas brotaram da terra dura e seca!...⁵⁹

Aqui, António Nunes aparta-se de Jorge Barbosa, e de várias maneiras: na estrutura externa e no ponto de vista. Mais tarde, em «Ritmo de pilão», dava-nos a complementaridade desta proposta e mais se distanciava de Jorge Barbosa que, em vincado acento dorido, falava do «nosso drama» e até «da nossa revolta». Mas que revolta? — «da nossa silenciosa revolta melancólica». E António Nunes? Este, em 1958, abria a sua área temática, em «Ritmo de pilão»: «Bate, pilão, bate/que o teu som é o mesmo/desde o tempo antigo/dos navios negreiros...»⁶⁰. Ao sonho de que as terras «serão nossas» se junta agora o incitamento a uma luta continuada. O sentido da sua mensagem encerra a visão dialéctica da mudança e a necessidade de acção.

A década de cinquenta abre com *Linha do horizonte* (1951) de Aguinaldo Fonseca, quando já se encontrava em Portugal e havia publicado alguns poemas soltos. Poesia marcada, em muitos lances, pela angústia da «secura calada na garganta», e daí o avanço para a denúncia do drama cabo-verdiano, entendido não só no presente como que ainda diacronicamente, enquanto grava, com insistência, o seu «grito», um grito imperfeito, «porque não sai/do poço desta angústia amordaçada». A novidade de Aguinaldo Fonseca está em ter sido ele o primeiro a utilizar a «África» como substância poética cabo-verdiana, facto inédito se dermos à expressão de Pedro Cardoso — «África minha, das Esfinges berço/Já foste grande, poderosa e livre»⁶¹ — uma conotação sentimental e não necessariamente política. No texto de A. Fonseca há, pelo menos, duas alusões a África. Uma delas, em «Magia negra»:

Das estrelas e dos grilos,
Arrasta-se o vão lamento
Da África dos meus Avós,
Do coração desta noite,
Ferido, sangrando ainda
Entre suores e chicotes ⁶².

Do «(...) vão lamento/Da África de meus avós» instalado no «coração ferido» que ainda sangra «entre suores e chicotes» se procede a um enunciado de sofrimento inculcado a uma situação colonial.

É um tanto nesta linha que vai prosseguir, com todas as variantes possíveis, a produção poética daqueles que, tal como A. Fonseca se associaram ao *Suplemento Cultural* (1958): Gabriel Mariano, Ovídio Martins, Terêncio Anahory, Yolanda Morazzo. Todos, ou quase todos,

bem como os elementos do grupo da *Certeza*, terminaram por colaborar na *Claridade*.

O projecto da geração da *Claridade* descola-se pela transgressão, pelo deslocamento da visão europeia para uma visão cabo-verdiana. Daí o rompimento com os modelos temáticos europeus e uma radical consciência regional. O ideário de *Certeza* enriquece a tomada de posição de *Claridade* pela introdução de uma visão dialéctica dada pelo marxismo. Este grupo do *Suplemento Cultural*, mercê da participação de alguns dos seus membros, enceta a substituição do conceito regional pelo conceito nacional. É assim que uma nova perspectiva em relação à situação colonial surge já próxima da década de sessenta, e nesta se vai prolongar e aprofundar.

Acentue-se: menos nuns que noutros; ou antes: evidente nuns e não em todos. Mas, no que à maioria é comum será o travo amargo da dominação. Vejamos em Gabriel Mariano (*12 poemas de circunstância*, 1965).

Não, Amigos, já vos disse não!
Mais uma vez minha resposta é
Não!
Não insistam mais!
Que me importa o doce
que só a mim me dais?
Nada me separa dos meus companheiros!... ⁶³

Onésimo Silveira (*Hora grande*, 1962), um dos que primeiro ensaiaram o «convívio linguístico»: «Cabá vapor — caba carvom... /Restam praias vazias e botes agonizantes» [...] «Cabá vapor — cabá carvom.../Nos campos dantescos de S. Vicente» ⁶⁴ no propósito da eficaz expressão de uma sofrida realidade cabo-verdiana,

demarca-se também dos poetas da *Claridade* pelo carácter de intervenção poética, ao jeito vocativo-imperativo.

Atrás dos ferros da prisão
É preciso levantar os braços algemados
Contra a prepotência! ⁶⁵

Ou na forma interrogativa, mas ainda subjacentemente a recusa:

Para quê chorar
Se as suas mãos são limpas
A sua culpa inocente
E a nudez das suas vozes
Bandeiras desfraldadas? ⁶⁶

E o mais determinado dos poetas cabo-verdianos, aquele que, desde cedo, envolveu o seu verbo de signos directamente combatidos, Ovídio Martins (*Caminhada*, 1962; *Gritarei berrarei matarei/Não vou para Pasárgada* (1973), partidário, consciente e obstinado, de uma poesia de confrontação, empenha-se na contestação do chamado evasionismo («Não vou para Pasárgada») e ironiza:

Mordaças
A um Poeta?

Não me façam rir!...

Experimentem primeiro
Deixar de respirar
Ou rimar... mordaças
Com Liberdade ⁶⁷.

dando-se numa entrega cerrada, ao «tempo cabo-verdiano», tempo «de se entupir/de raiva/de explodir em raiva».

Ainda quando da sua linguagem se verte um lirismo amorável (e isto aplica-se à quase totalidade dos poetas não só cabo-verdianos como angolanos ou moçambicanos) o poema se organiza numa intencionalidade desmistificadora. Bem iríamos sublinhando: aqui, o signo poemático é o «grito quotidiano» de quem se assume, ao nível da escrita, como militante:

No meu grito quotidiano
canto
a madrugada
a mim mesmo
renovado
na terra renovada
pela nossa luta ⁶⁸

Diríamos então que à poesia declamatória, veemente, de Ovídio Martins ou de um Onésimo Silveira, responde Gabriel Mariano com um exercício de linguagem repousada, mas com um amplo efeito sugestivo, às vezes no lanço da insinuação:

Depois ninguém me acuse
de ter sido misterioso...
Apenas guardei comigo
a calma verde da terra
e a certa repetição
das madrugadas sem sono... ⁶⁹

Mesmo quando o seu discurso penetra no espaço declamativo, aí ainda o retórico se disciplina. Como no «Capitão Ambrósio», longo poema épico, em que, por transferência dissimuladora, o «Ambrósio», herói popular em tempo de fome, personifica o libertador que há-de ser festejado: «em mãos seguras erguidas/Em trilhos verdeluzindo/Luzindo a negra bandeira/Clara bandeira na frente/Na frente segue o Ambrósio!/Meu pai: manda o povo cantar/Manda o povo cantar na madrugada limpa./Manda o povo cantar com tambores e búzios/Quando Ambrósio chegar.»⁷⁰.

A presença feminina na moderna poesia cabo-verdiana é preenchida por Yolanda Morazzo que aparece integrada no grupo do *Suplemento Cultural*. A sua lírica de então tende a enraizar-se numa poética caracterizadamente cabo-verdiana. Mas a uma estadia em Lisboa sucede-se uma longa permanência, diríamos mesmo uma radicação em Angola. E o seu discurso tende a diversificar-se em jeito de «velas soltas» (título de um livro inédito), «velas brancas» soltas no «vento a galope» numa ansiosa determinação que alias já estava inscrita em poemas seus dos anos cinquenta: «Amanhã será uma nova Aurora»⁷¹. Mas é agora em *Cântico de ferro* (1976), que reúne alguns dos seus versos que vão desde 1956 a 1975, onde o espaço angolano é a semântica por excelência: «Um dia se escreverá nas tuas veias/uma história de sangue triste triste/história de ódio dos algozes/cadastro rasgando o útero fértil/do café do algodão e do sisal/tentáculos de manhas e de garras/unhas envenenadas unhas verdes»⁷².

Ficou-se pelo caminho, parece, um destes poetas, Terêncio Anahory (*Caminho longe*, 1962), na época dramática do trânsito glorioso do seu povo, ele que em

1962 se havia associado ao junta-mom: « no meio da baía um galo canta a sua canção de aurora» ⁷³.

O discurso da revolta prolonga-se e generaliza-se com o grupo dos poetas do suplemento «Sêlô» (1962), do *Notícias de Cabo Verde*, nascidos entre 1937 a 1941: Arménio Vieira, Jorge Miranda Alfama, Mário Fonseca, Osvaldo Osório, Rolando Vera-Cruz Martins, todos ainda sem livro publicado, com excepção para Osvaldo Osório, como adiante se regista. O universo da poesia destes poetas continua a ser o espaço cabo-verdiano. Mas à medida que o tempo avança a tendência é para a interpretação dialéctica da situação social marcada pelo colonialismo e a transparência de uma sistemática recusa.

Fala-se de «Ilhas renascidas/nuvens libertas.../Talvez um continente/À medida dos nossos desejos» (Arménio Vieira) ⁷⁴. Fala-se de «Quando a vida nascer...» e então «Rasgarei as grades/Rasgarei os açaimes/Enterrarei a dor,/Gritarei bem alto/A minha sede de viver...» (Mário Fonseca in *Cabo Verde*, n.º 126, 1960). Parte deste grupo, durante anos silencioso (ou silenciado), ressurgue mais tarde com poemas construídos no recato enganoso e publicados na revista *Vértice* (Coimbra).

O caso de Arménio Vieira que aí inicia, em cruel ironia, o ciclo da «animalização»:

Pensamos:
lá fora...
Isto é que fazem de nós
quando nos inquirem:
— estais vivos?

E em nós
as galinhas respondem:

— dormimos.
ISTO É QUE FAZEM DE NÓS!

(in *Vértice*, n.º 334-345, 1971, p. 845)

Estamos em 1971, em África o derradeiro império apodrece. Os homens no reino da clandestinidade, a vida cresce e está prestes a romper na «manhã inflor», ao sopro de uma «coragem renovada de todos nós», na «veemente ressurreição!» (Oswaldo Osório). Os poetas sentem o halo próximo da «aurora de vitórias» e um deles, Rolando Vera-Cruz, pode num «gesto» colectivo, afirmar: «Ah! Que reflorir de sorrisos ocultos no tempo!/Um outro gesto/cálido como vontade de criança,/um outro querer/veemente de ressurreição!». Ou Jorge Miranda Alfama: «... Eu me semeei na argila/com sangue e tempo para florir». («Sêlô», n.º1, 1962).⁷⁵

É na verdade, o tempo da «ressurreição!» E com a ressurreição, que é a da liberdade, a da libertação, se organiza um novo espaço: o de uma nova escrita, o de uma nova língua, várias gramáticas. Os primeiros indícios vêm de *Claridade*, avolumam-se na poética das gerações seguintes, com Gabriel Mariano, Ovídio Martins, Onésimo Silveira — mas ainda aqui a presença de Jorge Barbosa, a influência do grupo da *Claridade* é soberana. O primeiro sinal dessa libertação definitiva vem com Timóteo Tio Tiofe (heterónimo de João Manuel Varela, a ajuntar ao de João Vário)⁷⁶ com fragmentos de poemas que faria publicar no jornal *Letras e Artes* (1963 e 1964) e *Nós Vida* (Roterdão, 1972) depois incorporados em *O primeiro livro de Notcha* (1975) no qual Timóteo recorta o destino histórico do arquipélago: «O nosso destino, o destino político do

arquipélago é inconcebível fora do contexto africano» (palavras da sua introdução). Longo poema, de oitenta e nove páginas, seccionado em três «partes», as partes em «discursos», recorrendo à intertextualidade, à convivência linguística, aos dados da história, da botânica, da economia, da geografia, evocando os vultos da literatura cabo-verdiana, os heróis populares, os heróis nacionais africanos, afrontando a enumeração estatística, inserindo dezenas e dezenas de palavras do espaço cabo-verdiano até então ignoradas pela poética cabo-verdiana, caldeando grandezas e misérias, mitos, revoltas, fomes, esperanças, ao modo de evocação e narração bíblica. Timóteo Tio Tiofe abala as estruturas poéticas tradicionais do Arquipélago, e organiza um discurso sereno, veemente, ao ritmo caudaloso, e assim reconstrói a gesta cabo-verdiana, a narrativa poética da epopeia histórica do ser cabo-verdiano, desde as origens até aos nossos dias:

Mas que não venham mais fomes sobre nós,
sobre nossas casas, nossos estábulos e apriscos
sobre nossas escolas e asilos.
Que não venham corvos, gafanhotos,
lestados, nordeste, harmatão ou tempestades, marés bravas,
[chuvas que danifiquem estes cereais, estas oleaginosas,
[estas árvores de fruta.
Que não venha fogo sobre nossos leitos de madeira,
nossos colchões de palha, nossos lençóis de linho,
sobre nossos campos de cultivo e nossas alfaías agrícolas.
Nem varíola ou cólera ou epidemias de outro teor
sobre nossos pais, nossas mulheres, nossas crianças.
E estes canavais, estas aves de criação, estes porcos de ceva,
oh que tenhamos o gozo deles ou a alegria da sua
[multiplicação ⁷⁷.

Corsino Fortes, após a estreia no *Boletim dos Alunos do Liceu Gil Eanes* (1959), a seguir participa na *Claridade*, e no *Cabo Verde*, mas ainda aqui a estrutura da sua poesia é símile da dos «claridosos». O salto qualitativo (e significativo) vem com *Pão & fonema* (1975) que objectiva a ruptura total com a tradição jorge-barbosiana. São próximas no tempo, embora de características diferentes, as experiências de um e de outro: de Corsino e Timóteo. «Encontro» natural no tempo histórico e cultural? Influências de um no outro, ou recíprocas, já que ambos, parece, teriam vivido, em comum, anseios novos? Do ponto de vista da poesia cabo-verdiana isso não será importante. Importante é fazer o registo destas duas perspectivas inéditas e, ao cabo, marcadas por características poéticas próprias, até porque no domínio da «gramática» tão afastados estão um do outro. A um certo discursivismo, a um certo barroquismo se contrapõe uma contenção visivelmente trabalhada de Corsino. Neste, numa elaboração, verso a verso, cingida ao tropo, também à convivência linguística, estrutura da linguagem ao nível mítico, metabolizada no recurso metonímico estrofe a estrofe —, a sua proposta é a de uma grande parábola: a terra do sofrimento engravidou e a sua dor agora é a dor da parturiente: a vida nova vai surgir. Ritmo repousado, na feição de lenga-lenga popular intelectualizada, a espessura de poema ganha um brilho inusitado:

Ouve-me! primogénito da ilha

Ontem

fui lenha e lastro para navio

Hoje

sol semente para sementeira

Devolvo às ondas
A evocação de ser viagem
E fico pão à porta das padarias

Onde
o bolor da terra
é sangue e trigo
E o milho que amamos
É nosso irmão uterino

Onde
os corvos sangram do alto
bibliotecas de tantas sílabas

Onde
o osso é cada vez mais espiga
a espiga cada vez mais osso

Aqui
Ergo a minha aliança
De pão & fonema

Enquanto
o vento bebe
E o vento bebe meu sangue a barlavento ⁷⁸

Outro companheiro de jornada é Oswaldo Osório (*Caboverdeamadamente construção meu amor*, 1975). «(...) Porque desmontámos os mitos e no regresso à pureza original/possuídos nos achamos de amor e construção», são dois versos do poema «Batuque» ⁷⁹. E neles se contém um projecto que se adequa à fala de Oswaldo Osório. Desmontados são por ele os mitos da linguagem esgotada, possuído (ou achado) está o poeta no amor da construção de uma linguagem descartada, através de rupturas morfológicas, neologismos, justaposições, de que o próprio título pode dar uma

ideia: *Caboverdeamadamente construção meu amor*. Por amor se constroe uma vida nova e essa vida nova só poderá ser expressa poeticamente através de uma escrita nova:

cantalutando caboverdeamamos
caboverdeamadamente construimos a nossa terra
cantalutando caboverdeano os nossos sonhos descem às mãos

a esse acto caboverdeamor

cantaluta cantaluta cantaluta
caboverdeamadamente ⁸⁰

Poetas de recursos estilísticos diferentes, mas todos apostados num corte definitivo (se é possível), cōscios de que a primeira condição para a poesia exercer a sua função social, terá que começar por sê-lo. Procedem a uma destruição da língua para reconstruir outras, e cada um com a sua gramática própria, integrando-se assim num processo de re-actualização, de pesquisa e invenção, desbloqueando a poesia de Cabo-Verde de um certo percurso repetitivo. Deixa de ser íntima, exclamativa, interrogativa, torna-se irónica, mordaz, epopeia. À saga quotidiana sucede a saga histórica. A este respeito, o do enriquecimento estilístico, não se pode dizer que os mais jovens poetas, como Armando Lima Júnior, Tacalhe ou mesmo Dante Mariano, todos sem livro publicado, ou Sukre D'Sal (*Horizonte aberto*, 1976); *Amdjers*, 1977 ou Kwame Kondé (*Kordá Kaoberdi*, 1974) tivessem trazido qualquer novidade. A poesia deste grupo, de um modo geral, surge sob o signo da «véspera de amanhã», na inscrição de Dante Mariano de quem tarda o livro prometido: «A notícia que trará o povo inteiro/para as ruas em avalanche/Esta, sim/HÁ MUITO QUE CHEGOU» ⁸¹. Ou nas palavras de

Kwame Kondé, por largos anos exilado: «De mãos vazias te deixei, terra amada./O coração de dor sangrando») ⁸² para quem a Revolução «se alastra, viva, majestosa» e «rebelde como o desejo», «dominando o gesto, o olhar e a vida» ⁸³.

O ponto de encontro é na «África! África independente» na «terra rica que herdámos», «mãe do futuro/irradiando felicidade» ⁸⁴ (Sukre D'Sal). O espaço cabo-verdiano de Tacalhe, o «Lar» por ele concebido é também, e só, na luta armada: «É aqui meu amor/É aqui que fica/O lar do nosso sonho/Na boca vermelha desta espingarda...» ⁸⁵. O tempo nos dirá do futuro de cada um deles. Tacalhe, no entanto, persistentemente vem colaborando na página «Cultura» da *Voz di Povo*, diversificando a sua poesia com a consciência de que «as palavras «são loucas na busca do sentido!» ⁸⁶.

Seja como for, de Arménio Vieira, Mário Fonseca, impublicados em livro, deles se aguarda (e há notícia concreta) uma palavra, já que, justamente com Osvaldo Osório, Corsino Fortes e Timóteo Tio Tiofe, são dos que possuem o fôlego necessário para dar à actual poesia cabo-verdiana uma solidez indiscutível. E alguns dos mais novos que neles atentem. E agora — e isto não significa nenhum juízo de valor, é uma arrumação, sempre tão difícil, diríamos uma «leitura histórica» como outras que admitimos — chamamos a atenção para um certo grupo de poetas: os poetas da diáspora cabo-verdiana.

Suponhamos António Mendes Cardoso, Jorge Pedro, Virgílio Pires, sem livro publicado, e de escassíssima produção poética, dando mesmo a impressão de a terem abandonado. Luís Romano, (*Clima*, 1963), revelando-se no Brasil e aí tornado autor bilingue, defendendo nos

últimos anos, com persistência, uma literatura de língua nacional (o dialecto) há nele um olhar enternecido lançado sobre o homem crioulo, um gesto de solidariedade com o homem negro e um apelo ao «Irmão branco»: «Branco:/escuta-me um momento/ainda é tempo/porque te falo de irmão para irmão/No mistério daquilo que nos formou/— considera-me —/Só isso nos basta/Só isso/e estende-me tua mão.»⁸⁷ Teobaldo Virgínio (*Poemas cabo-verdianas*, 1960; *Viagem para além da fronteira*, 1973), estreando-se em Cabo Verde, mas desde há muito vivendo em Angola, repensa-se num lirismo algo cristão e num impulso alado na solidariedade cabo-verdiana, numa visão universalista. «Sejam ferramentas solitárias/cada boca fale seu grito/reprimido/cada braço corte/seu caminho livre» e

cada olhar reflecta
seu caminho claro

Um fulgor de esperança
em cada humilde⁸⁸

Daniel Filipe, consagrado autor repartido entre duas poéticas: inicialmente a cabo-verdiana e depois a portuguesa, o seu nome retém-se aqui como um acto de justiça. Cabo-verdiano de origem, de nascimento e etnicamente, apesar da sua radicação em Portugal desde criança, três livros, pelo menos, são de motivação cabo-verdiana: *Missina* (1946), *Marinheiro em terra* (1949) e *A ilha e a solidão* (1957). Se quisermos encontrar-lhe um ponto de encontro, devemos buscá-lo ao grupo de *Claridade*: a insularidade da terra pequena metida nas

grades das suas contradições, avara ao futuro dos homens e úbere aos sonhos e anseios:

Ah, esta ânsia de partir, de ser
Um barco mais na imensidão do mar...
De ir sempre além, sem saber
A rota certa para regressar... ⁸⁹

Com excepção de Virgílio Pires e Jorge Pedro, todos os outros se revelaram poetas fora da sua terra ou então ausentes dela foi que se confirmaram como tal. Em 1961, organizada e prefaciada com inteligência por Jaime de Figueiredo, é publicada em Cabo Verde a antologia *Modernos poetas cabo-verdianos* e, com ela, nesse tempo, se dá o panorama essencial da moderna poesia de Cabo Verde. Por motivos metodológicos (ou outros) ficaram de fora apenas António Pedro e Daniel Filipe, ambos, e de longe, profundamente radicados em Portugal e o seu nome ligado à literatura portuguesa. No entanto, afigura-se-nos — e atrás quisemos justificá-lo — que Daniel Filipe exige a sua recuperação cabo-verdiana. Estes dois poetas terminaram, depois, por ser incluídos, bem como outros, juntamente com os seleccionados por Jaime de Figueiredo, no primeiro volume de *No reino de Caliban* — antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa (1975), que o autor destas linhas organizou, anotou e prefaciou.

A rematar citamos o nome de Amílcar Cabral, fundador do P. A. I. G. C. e um dos ideólogos mais prestigiosos da revolução africana. Dos poemas que dele agora conhecemos, dois aspectos da sua personalidade se podem enunciar: o de uma comunhão telúrica e, simultaneamente, o de uma adesão colectiva ao destino trágico do seu povo — mas o afago da esperança

germinando, como no poema «Regresso...»: «Venha Comigo, Mamãe Velha, venha,/recobre a força e chegue-se só ao portão./A chuva amiga já falou mantenha/e bate dentro do meu coração»⁹⁰; ou como em «Ilha»: «Rochas escarpadas tapando os horizontes,/mar aos quatro cantos prendendo as nossas ânsias!» (in *Ilha*, ano VII Ponta Delgada, 22-6-1946; republicado noutros, inclusive *Seara Nova*, dezembro 1974); A outra atitude, o outro ponto de vista, é o da representação duma consciência dialéctica da vida, como em «Segue o teu rumo Irmão»: «Que amanhã na planície conquistada/da terra redimida/libertada/os Homens irmanados colherão/o saboroso Pão»⁹¹. Ou em «Quem é que não se lembra»: «Meu grito de revolta ecoou pelos vales mais longínquos da Terra/atravessou os mares e os/oceanos»⁹². Tudo leva a crer que não haverá razão para se optar pela existência de duas fases, correspondendo a escrita dos poemas a um mesmo período e, assim, uns e outros se completam dando a globalidade poética de Amílcar Cabral⁹³.

2. NARRATIVA

Embora o primeiro texto ficcional da moderna literatura cabo-verdiana se deva a Manuel Lopes («Um galo que cantou na baía» in *Claridade*, n.º 2, excerto do conto mais tarde inserido no livro, sensivelmente com o mesmo título (1959), é com o romance *Chiquinbo* (1947) de Baltazar Lopes que se abre a série da ficção cabo-verdiana. Narrativa a todos os títulos importante como expressão do mundo insular e ainda pela reinvenção da escrita que se organiza, em parte, a partir da

incorporação na linguagem de signos, expressões ou formas sintácticas dialectais. Longe, é certo, da ruptura abissal que o brasileiro Guimarães Rosa ou o angolano Luandino Vieira mais tarde levariam às últimas consequências. É legítimo, no entanto, considerá-lo pioneiro na busca de processos para a construção de novas línguas no espaço africano de expressão portuguesa; e, para melhor se poder avaliar deste mérito, há que ter em conta que a sua experiência data de 1938, altura em que aquele romance foi acabado. Isto se pode aplicar enquanto contista disperso por revistas, incluindo *Claridade*. E se é legítimo adiantar-se que a ruptura iniciada por este narrador é ponto corrente em quase toda a narrativa cabo-verdiana, não menos legítimo é dizer que nenhum outro autor logrou ir tão longe nem tão conseguida pesquisa foi obtida em qualquer outro como em Baltazar Lopes. Alguns, mesmo, preferiram a utilização do português fundamental, com o recurso normal a signos dialectais, embora os diálogos das personagens de extracção social popular (são a maioria) se construam de harmonia com a sua fala e, neste caso, as interferências do dialecto crioulo sejam notáveis e constantes. Não nos esqueçamos de que se trata de um espaço bilingue e que o dialecto crioulo pode ser considerado uma língua novi-latina (a língua cabo-verdiana) de léxico na sua quase totalidade (noventa e sete por cento) oriundo da língua portuguesa, e naturalmente a reapropriação (com tudo quanto a palavra implica: reelaboração fonética, morfológica, sintáctica e semântica) continuada de palavras (sintagmas) portuguesas por parte do dialecto crioulo que são depois devolvidas, já modificadas, à escrita em português. Eis assim um português cabo-

verdianizado onde, inclusive, por vezes, o eixo sintagmático é alterado. Quer a narrativa quer a lírica se enriquecem pelos mais variados processos de reconstrução linguística: convivência, hibridismo, neologismos e daí a novidade, a invenção permanentemente revelada do insuspeitado lastro de uma linguagem de recursos inesgotáveis.

Com obra ficcional publicada, além dos autores assinalados, são António Aurélio Gonçalves, Teixeira de Sousa, Teobaldo Virgínio, Luís Romano, Gabriel Mariano, Ovídio Martins, Onésimo Silveira, Nuno Miranda, João Rodrigues (*Montes Verde-Cabo*, 1974), Artur Carvalho (*Um natal em S. Miguel*, 1975), Orlanda Amarilís. Isto sem a exclusão de outros nomes, como Virgílio Pires, estreado em 1958 (n.º 8 de *Claridade*) e tido como revelação incontestável; Maria Margarida Mascarenhas, que participou em «Sêlô» e com larga colaboração no *Cabo-Verde* e *Presença crioula* (Lisboa), evidenciando qualidades de mérito real; Pedro Duarte, Francisco Lopes, Manuel Serra, Leitão Graça, Aydeia Avelino Pires, mas estes últimos quase episodicamente, através do *Cabo Verde*, sem terem dado a medida exacta do seu talento; e também a recente amostra de Oswaldo Osório (vide excertos de romance in *Voz di Povo*, 1976), demasiado exígua para que possamos formular um juízo consciente.

Já há largos anos, Óscar Lopes, a propósito da *Antologia de ficção cabo-verdiana contemporânea* (1960)⁹⁴ e de outras obras da ficção cabo-verdiana, pronunciava-se nestes termos: «Eu agradeço à literatura de autoria ou temática cabo-verdianas umas horas de leitura vivamente interessada: o prazer de tantas pequenas ou

grandes obras (refiro-me a dimensões gráficas) surpreendentemente bem consumadas»⁹⁵.

Com efeito, os narradores cabo-verdianos a partir de *Claridade* souberam centrar-se no mundo específico insular e procederam a uma denúncia muito viva da sociedade a que pertenciam. Nesta primeira fase era natural que estivessem todos eles sensíveis aos dramáticos problemas do Arquipélago: a seca, a fome, a emigração. (Pode mesmo dizer-se que a fome, é a grande personagem da narrativa cabo-verdiana). São elas algumas das grandes linhas temáticas da ficção cabo-verdiana. Mas na certeza de que a partir dessas motivações se desencadearia e, por vezes, de modo seguramente logrado, o tratamento de muitos dados e aspectos da vida social, económica, cultural. Níveis de vida, níveis de língua, níveis de cultura, personagens várias, populares ou não, de miséria ou grandeza, ali se fixaram, mercê da capacidade de análise social e psicológica, capacidade criadora, diríamos invulgar. Se a uma literatura do terceiro mundo buscarmos a expressão da sua própria mundividência, a expressão do seu universo específico, a resposta cabo-verdiana é positiva.

Baltazar Lopes abriu o caminho e como que muitas das propostas dos escritores que vieram depois por ele tinham já sido postuladas. Mas os segmentos sociais foram-se alargando, desenvolvendo, enriquecendo. Ao mundo da fome, da tragédia, de germinação da consciência política e da miséria social — à emigração, por exemplo, e ao mundo mítico que a envolve, com incidência na ilha de São Nicolau da parte de Baltazar Lopes — sucede o mundo epopaico de Manuel Lopes (*Chuva brava*, 1956; os contos *O galo que cantou na baía*,

1959; *Os flagelados do vento leste*, 1960) na ilha de Santo Antão, atravessado também pela fome, mas colocando o grande dilema de ter necessidade de partir, querendo ficar, terminando por ficar, o que contraria a tese da radicalização do *evasionismo* atribuído a *Claridade* ⁹⁶.

Pretendeu-se, infundadamente, acusar de «paisagística» (e de muitas outras coisas más) a ficção cabo-verdiana subscrita pelos «claridosos», não sabemos se, em grande parte, com o pensamento em Manuel Lopes. Acusação estranha e injusta, chegando a dar a impressão de que Onésimo Silveira, autor de *Consciencialização na literatura cabo-verdiana* (1963), onde o fenómeno foi desencadeado, teria falado daquilo que não conhecia ou conhecia mal, pelo menos naquela altura. Os romances de Manuel Lopes constituem uma inserção vigorosa no real cabo-verdiano, profundamente desagregado em tempo de fome provocada pela estiagem. Podemos lamentar que aos seus romances faleça uma perspectiva aberta ao futuro. O drama cabo-verdiano surge, por assim dizer, como uma fatalidade e por isso limitado na visão estática do autor-narrador. Mas, de um ou de outro modo, é inegável a sua significação literária e a importância capital que preenche na ficção cabo-verdiana.

Luís Romano (*Famintos*, 1962) vem situar a acção também na ilha de Santo Antão, juntando ao mundo destruído pela fome o mundo da repressão administrativa e laboral. Pensamos, no entanto, que um certo verbalismo, na fala das personagens funciona como interferências longas do narrador que prejudica o equilíbrio da estrutura romanesca. Documento generoso e libelo acusatório, virtude é, certeza, o largo recurso do léxico dialectal, inesgotável em Luís Romano. Onésimo

Silveira da sua permanência em S. Tomé trouxe a experiência do homem cabo-verdiano em tempo de fome emigrado para as roças daquele Arquipélago, de que é testemunho o conto longo *Toda a gente fala: sim senhor* (1960).

Teobaldo Virgínio, irmão de Luís Romano, situando o desenvolvimento das suas narrativas no espaço social da mesma ilha de Santo Antão, primeiro em *Distância* (1963) e *Beira do Cais* (1963), inclui naquele uma expressão telúrica, sensual, em que os elementos líricos e romantizados se fundem na coexistência de um humor irreverente, ao mesmo tempo que uma aderência ao drama real do homem cabo-verdiano se desenvolve no dom da invenção de uma linguagem de carácter poético, muito viva. Em *Vida crioula* (1967), escrito em Luanda, transita para uma visão de apelo teórico e sentimental às raízes da *crioulidade* e para a adesão universal, um tanto como aconteceu com a sua última poesia. Ovídio Martins (*Tchuchinba*, 1962) procede à abordagem da amorabilidade e do sentimento profundo do envolvimento lírico e social da terra, abandonando, depois, pelos vistos, a narrativa.

Gabriel Mariano (*O rapaz doente*, 1963) acaba, porém, de reunir em volume (*Vida e morte de João Cabafume*, 1977) a quase totalidade dos seus contos dispersos por várias publicações, com relevo para o *Cabo Verde*. Agora sujeitos a cuidada revisão, dão-nos a medida inteira de um contador de histórias grudado ao real significativo do homem cabo-verdiano. Narrador, personagens, ambientes se identificam através de uma linguagem cabo-verdianizada, sabiamente estruturada para a expressão da epopeia quotidiana feita de sofrimentos, anseios, frustrações, desencontros e grandezas, e onde

também o drama da subalimentação crónica tem a sua fala expressiva. Avança por vezes na exploração de comportamentos sociais diversificados, incluindo a pequena burguesia cabo-verdiana residindo em Lisboa. O picaresco se introduz neste espaço textual não como intenção gratuita, mas relevando de um campo semântico autêntico. Além do mais, o drama da emigração para S. Tomé, a tradução oral colada à intimidade social cabo-verdiana, figuras moduladas na corajosa dignidade de afrontar os abusos e as prepotências. Com este *Vida e morte de João Cabafume* (um título e raiz) de Gabriel Mariano a narrativa cabo-verdiana continua a revelar-se na sua inegável originalidade.

Em Nuno Miranda (*Gente da ilha*, 1961; *Caminho longe*, romance, s/d [1975]), de há muito radicado em Lisboa, a escrita verte uma certa nostalgia da terra de origem e do passado. Mas ele é um exemplo acabado de como um autor, à partida dotado, não alcança ultrapassar o jogo de contradições que ele em si próprio criou e assumiu. Isto se aplica sobretudo em relação a alguns contos e se insinua em muitas páginas do romance que reflectem a angústia do desencontro numa identificação do narrador com o autor. No romance, de estrutura um tanto ou quanto desequilibrada, há momentos de real interesse que são aqueles em que o narrador se concilia numa linguagem adequada. Mas certos diálogos por demais artificiosos, sobretudo quando se pontua filosoficamente, empobrecem o texto caracterizado por um estilo pretensioso e visivelmente untuoso que torna a leitura penosa. É nossa convicção que o autor pode, se quiser, no futuro, vencer as debilidades através de uma severa auto-crítica (de autor e de narrador). Ao cabo, «o

que é preciso é coragem!» como diz o narrador no fechamento do romance.

Teixeira de Sousa, nos anos quarenta ligado aos neo-realistas portugueses e, deste modo, um dos pioneiros da ficção cabo-verdiana, só recentemente reuniu os seus contos em *Contra mar e vento* (1972). Histórias centradas no quadro da ilha do Fogo, lá onde se tornaram resistentes conflitos e tensões decorrentes de uma estrutura social sedimentada sob o signo do latifúndio. A infância, certos aspectos da confrontação social de classes, a desesperada luta pela sobrevivência, o heroísmo quotidiano, a honradez, ressonâncias da labuta aventurosa do cabo-verdiano pela América, são alguns dos segmentos incisivos que estruturaram esta obra. Pícaras, dramáticas, poéticas, ou impregnadas de um certo humor ou de uma certa ironia, ou ainda às vezes de uma fina melancolia, mas sempre profundamente significativas, num estilo caracterizado pela limpidez, incisivo, com este discurso, Teixeira de Sousa dá-nos um dos enunciados mais equilibrados e autênticos da narrativa cabo-verdiana, revelando um fôlego de narrador excepcional.

Em meio deste panorama, encontramos o nome de António Aurélio Gonçalves. Uma espécie de *outsider*. De um tempo anterior aos homens de *Claridade*, uma larga permanência em Lisboa, onde conviveu com alguns intelectuais africanos (Castro Soromenho, Viana de Almeida) e portugueses (Castelo Branco Chaves e Álvaro Salema que tem dedicado, através do seu longo exercício da crítica, entusiastas e excelentes palavras à literatura cabo-verdiana) regressa à ilha de S. Vicente e aí partilha da aventura do grupo de *Claridade* na qual se estrearia como novelista. Alguns dos seus textos, que faz

e refaz, e sempre arrancados das suas mãos à força, aparecem no *Cabo Verde* e, entretanto, espaçadamente, são-lhe editadas quatro noveletas (a designação é sua): *Pródiga* (1956); *O enterro de nha Candinha Sena* (1957); *Noite de vento* (1970); *Virgens loucas* (1971). O tempo histórico é o dos nossos dias; o espaço, exclusivamente o da ilha de S. Vicente. Dotado de uma capacidade notável para a análise subjectiva e elaboração dos diálogos, organiza o seu espaço literário numa relação muito íntima entre o aprofundamento psicológico e o meio social em que as personagens estão concretamente inseridas. Com um conhecimento firme e atento do micro-universo da cidade do Mindelo, revela um raro dom de manipulação de ingredientes, aparentemente ínfimos, para uma significação larga desse real, não raro num trajecto mítico. No gosto da exploração de parábolas bíblicas (filho pródigo: *Pródiga*; virgens imprudentes: *Virgens loucas*) «sóbrio e sucinto, o texto toca o lírico, o dramático e o trágico, apresentando uma galeria de tipos caboverdianos que nos chegaram cheios de vida e de verdade», nas palavras de Maria Lúcia Lepecki⁹⁷. Textos abertos que surpreendem e fazem o leitor participar e continuar o desenvolvimento do seu processo inventivo.

A última revelação vem com o livro de contos *Caes-do-Sodré té Salamansa* (1974) de Orlanda Amarilis, que esteve ligada ao grupo de *Certeza*. Orlanda Amarilis sagra-se como a primeira narradora cabo-verdiana com livro publicado. Histórias tecidas de uma experiência cabo-verdiana e ecuménica, o espaço literário repartido entre a ilha de S. Vicente e a cidade de Lisboa, é assim um pouco também sobre a diáspora cabo-verdiana. De um lado, um certo «desencanto» (título de um dos contos), ou a mal contida amargura, ou a nostalgia no exílio em

terra onde aos protagonistas fazem sentir que são estranhos; por outra, a inserção no mundo de carências da terra natal ou o reencontro possível com as raízes e uma penetração no fantástico adequado a certos níveis mentais do arquipélago. Texto de excelentes recursos estilísticos, uma reapropriação do lastro dialectal de inegável rigor e sugestivo efeito, eis-nos na fruição (barthiana) de uma linguagem cabo-verdianizada, das mais bem conseguidas da ficção crioula. Sensibilidade marcadamente feminina, cativa dos gestos, das falas, das apetências quotidianas, o seu discurso alarga o tecido de análise social e psicológica e aprofunda a perspectiva do drama na narrativa cabo-verdiana.

3. *DRAMA*

Uma das formas menos expressivas desta literatura é a área do teatro. O que não deixa de encontrar um correspondente histórico na formação da literatura portuguesa e também brasileira. Isto, de uma maneira geral, aplica-se a todas as ex-colónias portuguesas. Pode dizer-se que, em Cabo Verde, no domínio da arte teatral, há apenas «Terra de sôdade — argumento para bailado folclórico», de Jaime de Figueiredo, publicado na revista *Atlântico*, em 1946,⁹⁸ até hoje à espera de merecer as atenções de uma encenação.

4. *BILINGUISMO CABO-VERDIANO*

É bilingue o povo cabo-verdiano, já anteriormente o dissemos. Além da língua portuguesa exprime-se

também através do seu dialecto ou da *língua crioula* que, no plano das relações quotidianas, possui uma total implantação que falece à língua portuguesa.

E se foi longo o tempo necessário para o escritor cabo-verdiano alcançar uma consciência regional enquanto autor de língua portuguesa, cedo porém ele a revelou intuitivamente enquanto autor dialectal, facto que o distingue dos outros povos dos novos países africanos. Vem de tempos recuados e desenvolve-se no século XIX, paralelamente às criações em língua portuguesa, a produção popular em dialecto crioulo, sobretudo veiculada através da *morna* (mais de dois séculos de existência?) — a grande expressão artística do homem crioulo — das canções populares, das *finançons* (canções de batuque), do *curcutiçans* (canções de desafio — ilha do Fogo), de que se podem encontrar alguns exemplos na revista *Claridade*. Há, assim, um importante substracto dialectal popular que estimularia a produção literária, hoje também enriquecida com a recente exploração da *coladeira*. Um dos pioneiros, o cónego António Manuel Teixeira, do Seminário-Liceu da ilha de S. Nicolau, responsável pelo *Almanach Luso-Africano*, (2 volumes: 1894 e 1899) neste fez publicar algumas tentativas literárias dialectais. Em 1910 José Bernardo Alfama publica *Canções crioulas*. Saliente-se, no entanto, um Eugénio Tavares (*Mornas — cantigas crioulas*, 1932), um Pedro Cardoso (poeta bilingue), *Folclore cabo-verdeano* (1933), de facto dos primeiros a elegerem o crioulo à dignidade de língua literária. Mais perto do nosso tempo, apontam-se Sérgio Frusoni (1901-1975), um caso interessante de aculturação, já que é filho de italianos; Mário Macedo Barbosa, Jorge Pedro, Ovídio Martins (*Caminhada*, 1962: parte em dialecto crioulo),

Luís Romano (*Lz̃imparim-Negrume*, 1973), Gabriel Mariano, Kaoberdiano Dambará (*Noti*, s/d, [1968?]), Artur Vieira, Sukre D'sal, Tacalhe, Oswaldo Osório, Corsino Fortes, Arménio Vieira, etc.

Instrumento essencialmente afeiçoado à recriação de manifestações de índole lírica, o caso de Beleza, um dos mais populares troveiros do Arquipélago, nestes últimos anos é notório o esforço para a sua utilização cada vez mais ampla. No fundo, a produção literária em crioulo, do ponto de vista ideológico, descreve sensivelmente uma curva evolutiva próxima da língua portuguesa; a uma fase lírica e, por vezes, de conotação social sucede uma fase marcadamente ideológica: protesto e intervenção política. «Ca tem nada na es bida/Más grande que amor»⁹⁹ diz Eugénio Tavares. Ou Pedro Cardoso na apropriação de raiz popular, com intencionalidade social: «Coitado quem dixâ sê terra,/Sêl dixâ nél sê coração»¹⁰⁰. Sérgio Frusoni, uma voz apaixonada do quotidiano ínfimo, adensado por recursos de subtil ironia: «Êxe spacadura que bo tita uvi,/ca ê roncadura de pómba, nem vôo de pardal.» (in *Claridade*, n.º 9, 1960, p. 77). Com Ovídio Martins o corte ideológico é de vez: «Hora tita tchgá/nhas gente», que Kaoberdiano Dambará persegue em *Noti*, num deliberado apelo à revolução, e vamos encontrar ainda em Kwame Kondá (*Kordá Kaobardi*, 1974). Veiculando quase exclusivamente a poesia, cabe a Luís Romano, um dos que de modo apaixonado reclamam a integral cidadania do dialecto, ensaiar com pertinácia a primeira experiência de tomo: *Lz̃imparim-Negrume* (1973), já citado, que reúne não só poesias como vários contos em crioulo de Santo Antão, acompanhados da tradução livre em português.

Acrescentaríamos ainda que, apesar de tudo quanto dissemos sobre o que aproxima ou afasta *Claridade* e *Certeza*, enquanto a primeira logo no seu primeiro número abre a primeira página com uma canção de Beleza, numa evidente preocupação de consagrar o dialecto crioulo, e em números posteriores essa preocupação ganha volume, *Certeza* desconhece o dialecto crioulo. Travado e combatido pelas entidades coloniais, nem por isso esta raiz vivaz feneceu. Acreditamos estar-lhe reservado, no futuro, papel de relevo na representação de muitos aspectos do homem cabo-verdiano. E mais: estamos, de consciência, convictos de que a longa e radiosa caminhada do dialecto crioulo, com ou sem escolaridade, irá provocar uma correcção, nos domínios da sociolinguística e da psicolinguística que parecem admitir ou predizer o desaparecimento de uma língua quando ela, não sendo ensinada, tem de suportar a concorrência falada de outra ou outras que o são ¹⁰¹. Se o dialecto crioulo é, como se sabe, a língua-mãe do cabo-verdiano e a língua portuguesa, em muitos casos, a língua aprendida supletivamente, seria de admitir que, ao nível da competência, o escritor cabo-verdiano se sentisse mais seguro na expressão literária dialectal. Porém, isso só acontece, em termos gerais, e com algumas excepções (Eugénio Tavares e Sérgio Frusoni podem ser dois exemplos), no plano da poesia popular. Tal paradoxo (aparente? ou provisório?) provém não só da carência de organização estrutural teórica da língua cabo-verdiana, como também de uma prolongada e fecunda tradição literária escrita sem a qual uma língua não alcança a maleabilidade e a ductilidade que a autêntica criação literária exige ¹⁰².

RAÍZES (nota final)

Por fim, uma palavra para a revista *Raízes*, 1977 *. E porque se trata de um acontecimento na vida cultural do Cabo Verde libertado se transcreve a nota de abertura: «De um encontro de intelectuais cabo-verdianos, irmanados pelo ideal da libertação, da independência e do progresso da sua Pátria, e vivificados pela seiva haurida de raízes comuns aprofundadas no seu chão, nasceu a ideia da publicação que hoje se apresenta, limitada pelo condicionalismo do meio mas aberta pelo espírito generoso dos seus colaboradores, vindos das tendências mais díspares mas unidos pelo ideal comum que da revista é signo: — uma condição cabo-verdiana, africana e de cidadania do Mundo; uma autenticidade nascida da liberdade dessa condição; uma independência assente nas comuns RAÍZES».

A novidade está em que o ideário de *Raízes* se cumpre na isotopia de uma longa jornada já nossa conhecida: *Clareza, Certeza, Suplemento Cultural, «Sêlô»*. Os cabo-verdianos que neste número se inscrevem, com excepção para Tacalhe e Jorge Carlos da Fonseca, foram colaboradores de uma ou de outra daquelas publicações. Neste espaço breve diremos, em jeito de síntese que, tudo quanto enunciámos, de um modo geral se confirma em relação aos autores agora presentes em *Raízes* (e de novo chamamos a atenção para Arménio Vieira e Mário Fonseca). Que a Revolução, obviamente, é enunciado de muitos textos. Que Ovídio Martins, atento à mudança da «situação de discurso», transfere a prática poética, que se centrava no contexto violentado e repressivo, para a reconstrução nacional («Devagar a reconstrução nacional avança. Ilha a ilha. Dor a dor.

Amor a amor») na opção de uma prática pedagógica (Guillén do após a revolução cubana é o nome que nos ocorre). Que Osvaldo Alcântara nos parece ter agora a seu lado um companheiro de jornada (estética): Jorge Carlos da Fonseca, pelo menos um certo Osvaldo Alcântara e um certo J. Carlos da Fonseca. Que um novo poeta se anuncia: Pedro Duarte, e um novo narrador se vai confirmando: Osvaldo Osório. Que o drama continua à espera de dramaturgos. Que dos vinte e três poemas publicados, apenas um é em crioulo. Que *Raízes*, sendo um acto de qualidade e inteligência é, também, uma decisão revolucionária.

* Chega-nos às mãos em cima da revisão das provas deste trabalho. Editada na cidade da Praia, ilha de Santiago, dirigida por Arnaldo França, tem como colaboradores: ensaio — Mário de Andrade e Arnaldo França, Jaime de Figueiredo; ficção — António Aurélio Gonçalves, Baltasar Lopes, Osvaldo Alcântara, Ovídio Martins, Corsino Fortes, Mário Fonseca, Tacalhe, Arménio Vieira, Jorge Carlos da Fonseca, Pedro Duarte e Jorge Miranda Alfama. Ilustração de Manuel Figueira e Osvaldo Azevedo. Capa de Pedro Gregório.

S. TOMÉ E PRÍNCIPE

1. *LÍRICA*

Em capítulo anterior assinalámos que Caetano da Costa Alegre, poeta oitocentista são-tomense, fora o primeiro, em todo o espaço africano de língua portuguesa, a dar ao tópico da cor um tratamento poético, embora numa visão marcadamente alienatória, constituindo-se como produtor de uma expressão de negrismo.

Curiosamente é também são-tomense o poeta que primeiro, em língua portuguesa, chamou a si a expressão da *negritude*. Trata-se de Francisco José Tenreiro (1921-1966), que irá assumir uma posição inversa à de Costa Alegre. Desalienado, liberto dos mitos da inferioridade social, identifica-se com a dor do homem negro e repõe-no no quadro que lhe cabe da sabedoria universal:

Mãos, mãos negras que em vós estou sentido!
Mãos pretas e sábias que nem inventaram a escrita nem a
[rosa-dos-ventos
mas que da terra, da árvore, da água e da música das nuvens
beberam as palavras dos corás, dos quissanges e das tímbla

[que é o mesmo
dizer palavras telegrafadas e recebidas de coração em
[coração ¹⁰³.

A sua voz é a voz real do homem africano, uma voz que vem das origens e ressoa no tempo: «cantando: nós não nascemos num dia sem soll», e aí vamos com essa raça humilhada percorrendo a «estrada da escravatura», mas entretanto iluminada por «um rio» que «vem correndo e cantando/desde St. Louis e Mississipi.» (*Obra poética de Francisco José Tenreiro*, 1967, p. 100).

Poeta bivalente («Nasci do negro e do branco/e quem olhar para mim/é como que se olhasse/para um tabuleiro de xadrez») ¹⁰⁴ na sua vocação para exprimir o mulato, que ele era, e o negro, que ele era, fundindo-se assim no poeta africano que ele foi, guinda-se à categoria de poeta da *negritude* de expressão portuguesa, e tão lucidamente que o surto da literatura angolana e moçambicana, que se impôs a partir de cinquenta, e muito lhe deve, o não teria ultrapassado na pertinência e na genuinidade dos temas.

Interessante notar que a estrutura externa da poesia de F. J. Tenreiro adquire características diferentes, consoante a substância manipulada: poemas longos de longos versos para a *negritude*, poemas curtos de curtos versos enquanto poeta mestiço:

Dona Jóia dona
dona de lindo nome;
tem um piano alemão
desafinando de calor ¹⁰⁵.

Ou então:

De coração em África com o grito seiva bruta dos poemas
[de Guillén
de coração em África com a impetuosidade viril de I too
[am American
... ..
de coração em África contigo amigo Joaquim ¹⁰⁶ quando
[em versos incendiários
cantaste a África distante do Congo da minha saudade do
[Congo de coração em África ¹⁰⁷

Há uma distância solar, como se vê, entre a humilhação da Costa Alegre e a glorificação dos valores culturais africanos por parte de Francisco Tenreiro que obviamente corresponde à amplitude consciencializadora que vai do século XIX ao século XX.

O discurso de Alda do Espírito Santo descreve-se entre o relato quotidiano da ilha, impregnado de alusões simbólicas de esperança, ou do registo de anseios de transparência política: «uma história bela para os homens de todas as terras/ciciando em coro, canções melodiosas/numa toada universal» ¹⁰⁸ até ao clamor da revolta de um povo oprimido como em «Onde estão os homens caçados neste vento de loucura»:

— Que fizeste do meu povo?..
— Que respondeis?..
— Onde está o meu povo?..
E eu respondo no silêncio
das vozes erguidas
clamando justiça..
Um a um, todos em fila..
Para vós, carrascos,
o perdão não tem nome ¹⁰⁹.

O mesmo clamor da revolta percorre o discurso de Maria Manuela Margarido:

A noite sangra
no mato,
ferida por uma lança
de cólera ¹¹⁰.

A cólera. A revolta. Duas constantes que, associadas ao movimento dialéctico da vida que tudo destrói e reconstrói, trazem a esperança: «Na beira do mar, nas águas,/estão acesas a esperança/o movimento/a revolta/do homem social, do homem integral», e é ainda o verbo de Maria Manuela Margarido. Daí a certeza inscrita no devir histórico:

No céu perpassa a angústia austera
da revolta
com suas garras suas ânsias suas certezas ¹¹¹.

Em meio da denúncia (do «cheiro da morte»), da acusação («eu te pergunto, Europa, eu te pergunto: AGORA?») ¹¹² perpassa a certeza. Ou a esperança. Não mera esperança idealista. A esperança concretizada na dialéctica do real. Tomaz Medeiros:

Amanhã,
Quando as chuvas caírem,
As folhas gritarem d'esperança
Nos braços das árvores,
.....
Irei
Desafiar os mais trágicos destinos,
à campa de Nhana, ressuscitar o meu amor.
Irei ¹¹³.

Poesia vinculada à sedimentação de uma consciência anticolonialista, mais do que a fala de cada poeta ela se consubstancia na voz colectiva do homem são-tomense. Mas não só poesia de signos, de símbolos, de imagística protestatária, aliás de descodificação facilitada. Não só poesia de anunciação e assunção. Não só. Poesia tocada pelo afago lírico das coisas da «Ilha Verde, rubra de sangue». As «palmeiras e cacoeiros», «o aroma dos mamoeiros», o «cajueiro»; as «modinhas da terra», os «murmúrios doces dos silêncios», «as canoas balouçando no mar», o «sòcòpé», os deuses e os mitos, «orações dos ocás», os «cazumbis».

Por derradeiro, Marcelo Veiga. Numa ordem cronológica Marcelo Veiga (1892-1976) deveria ter sido considerado logo após Costa Alegre. Marcelo Veiga, pequeno proprietário da ilha do Príncipe, estudou no liceu em Lisboa, aqui viveu por períodos intermitentes, foi amigo de Almada-Negreiros, Mário Eloy, Mário Domingues, José Monteiro de Castro, Hernâni Cidade. Passou despercebido até ao momento em que Alfredo Margarido o incluiu na antologia por ele organizada e publicada, da Casa dos Estudantes do Império, *Poetas de S. Tomé e Príncipe* (1963). Ultimamente obtivemos alguns poemas seus, inéditos, datados a partir de 1920, cedidos pelo poeta, pouco antes de falecer na sua ilha. Ele dá, assim, antes de F. J. Tenreiro, o sinal do «regresso do homem negro», o sinal da negritude não só em S. Tomé e Príncipe como em toda a área africana da língua portuguesa: «África não é terra de ninguém,/De qualquer que sabe de onde vem, [...] A África é nossa!/É nossa! é nossa!»¹¹⁴.

Eis, nítida e insofismável, a consciência da revolta:

Filhos! a pé! a pé! que é já manbã!
Esta África em que quem quer dá co' o pé,
Esta negra África escarumba, olé!
Não a q'remos mais sob jugo de alguém,
Ela é nossa mãe! ¹¹⁵

Irónico, mordaz, a língua destravada e rebelde,
associada ao veneno lúcido da desafronta:

«Sou preto — o que ninguém escuta;
O que não tem socorro;
O — olá, tu rapaz!
O — ó meu merda! Ó cachorro!
O — ó seu filho da puta!
E outros mimos mais... ¹¹⁶

Ou

O preto é bola,
É pim-pam-pum!
Vem um:
— Zás! na cachola...
— Outro — um chut — bum! ¹¹⁷

A terminar, diríamos que a poesia de S. Tomé e Príncipe constitui uma expressão africana mais uniforme do que a de Moçambique ou mesmo de Angola, ainda considerando a franja de mestiçagem que a percorre. Construída apenas por negros ou mestiços, este punhado de poetas baliza a área temática no centro do universo da(s) sua(s) ilha(s) e organiza um signo cuja polissemia é de uma África violentada, inchada de cólera, a esperança feita revolta.

2. NARRATIVA

Modestíssima, quantitativa e qualitativamente, é a narrativa de S. Tomé e Príncipe. As esporádicas experiências de Viana de Almeida (*Maiá Pôçon*, contos, 1937) e de Mário Domingues. (*O menino entre gigantes*, 1960) não chegam a ser uma contribuição relevante. O primeiro, nesse tempo, prejudicado ainda por um ponto de vista subsidiário de uma época colonial; o segundo (também natural de S. Tomé e Príncipe, mas tornado escritor português pela obra e pela radicação) talvez pela carência da dramatização da personagem principal, o mulato Zezinho, nado e criado em Lisboa. De acaso teria sido o conto «Os sapatos da irmã», sem qualquer relação com S. Tomé, que Francisco José Tenreiro, em 1962, publicou na colectânea *Modernos Autores Portugueses* (Lisboa). Acidentais ainda, mas já com uma visão ajustada a um real africano, foram também as experiências de Alves Preto, limitada, cremos, a dois contos: «Um homem igual a tantos» e «Aconteceu no morro»¹¹⁸. E ainda o caso de Sum Marky (i. e. José Ferreira Marques), branco nascido em S. Tomé, autor de vários romances, de importância discutível, alguns no entanto parcialmente com interesse, valendo citar *Vila flogá*, 1963, como testemunho acusatório da exploração colonialista.

3. A EXPRESSÃO EM CRIOULO

Não obstante ser bilingue, visto que a população utiliza, além da língua portuguesa, o crioulo de S. Tomé,

a criação literária é reduzida em dialecto, domínio que a tradição oral vem monopolizando com substancial interesse. Praticamente conheciam-se as composições poéticas de Francisco Stockler e uma experiência de Tomaz Medeiros. No entanto, após a independência nacional, parece haver sintomas de uma revitalização no uso literário do crioulo, ao nível popular, pelo menos a partir de agrupamentos musicais. Exemplo são os casos dos caderninhos de Sangazuza e o caderno do Agrupamento da Ilha, 1976, compostos de músicas revolucionárias e, de um modo geral, vertidos em rumbas, sambas, marchas, valsas, boleros e sòcòpés.

GUINÉ-BISSAU

1. LÍRICA

Estamos perante o capítulo menos expressivo do espaço literário africano de expressão portuguesa. Praticamente até antes da independência nacional não foi possível ultrapassar a fase da literatura colonial. E esta mesmo de reduzida extensão. Um homem que ali viveu por largos anos, Artur Augusto, escritor dotado, de origem cabo-verdiana, colaborador do primeiro número de *Clairidade*, em Portugal e com larga vivência na Guiné-Bissau, ficou-se, ao que sabemos, por escassos contos publicados n' *O Mundo Português* (1935 a 1936). A obra romanesca de Fausto Duarte (1903-1955): *Aná*, 1934; *O negro um alma*, 1935; *Rumo ao degredo*, 1939; *A revolta*, 1945; *Foram estes os vencidos*, 1945, cabo-verdiano por dilatados anos radicado na Guiné-Bissau, merece uma palavra especial. Mas é difícil, não obstante o seu empenhamento humanístico e de certa objectividade social, libertá-lo do peso colonial e credenciá-lo como verdadeiro escritor guineense. Deixou um romance inédito sobre cabo-verdianos. Testemunhará ele uma nova face da romanesca de Fausto Duarte? (Benjamin Pinto-Bull defendeu ultimamente na Sorbonne tese de

doutoramento, que desconhecemos, sobre Fausto Duarte).

Com efeito, da Guiné-Bissau, durante a dominação portuguesa, não veio um poeta ou um romancista de mérito. Ali foram edificadas durante esse período as condições suficientes ao entrave do desenvolvimento criativo.

Com um índice altíssimo de analfabetismo, até há cerca de duas décadas sem ensino secundário, e só nos últimos anos abrangendo o sétimo ano dos liceus, o seu primeiro jornal (*Pró-Guiné*) surgido apenas em 1924, as suas infra-estruturas não possibilitaram o aparecimento de gerações letradas de onde poderiam ter saído vocações capazes de se responsabilizarem pelo surto de uma literatura guineense de expressão portuguesa num país de cerca de meio milhão de habitantes.

Nas duas últimas décadas do domínio colonial apenas uma actividade cultural oficial se fez sentir, orientada, porém, para os sectores da investigação histórica e etnográfica (*Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, 1946-1973), e sempre marcada, é evidente, pelo espírito oficial. Em nada ou pouco alteram este quadro empobrecido.

O livro de Carlos Semedo (*Poemas*, 1963) também não modifica os dados desta análise, até porque se trata de obra de modesta qualidade estética. Amílcar Cabral, o fundador da nacionalidade, autor de alguns poemas mas de substância cabo-verdiana, optámos por incluí-lo na parte dedicada a Cabo Verde ¹¹⁹.

Ainda em plena guerra colonial tinha surgido, no ano de 1973, em português, o folheto de poesia *Poílão*, iniciativa do Grupo Desportivo e Cultural do Banco Nacional Ultramarino. Alguns dos poetas incluídos são

guineenses. As suas vozes, necessariamente resguardadas, ou desviadas, ficam insignificativas. Embora durante a guerra colonial, nas áreas libertadas pelo P. A. I. G. C., se tivesse procedido a uma profunda alfabetização, compreende-se que a sua juventude, essencialmente empenhada na luta da libertação nacional, ou então retraída que vivia na capital (*Poilão*, em certa medida, pode ser um exemplo), só agora encontra os meios necessários para se revelar no plano da criação e construir a autêntica literatura do seu país.

O primeiro sinal é dado em Janeiro de 1977, com *Mantenhas para quem luta!* — a nova poesia da Guiné-Bissau. Livrinho de cento e três páginas, que reúne catorze jovens poetas, onde o mais novo tem dezanove anos e o mais velho trinta. Acompanha-o um breve prefácio onde se diz: «Hoje, somos jovens trabalhadores no campo da poesia: esta não se define para nós, em termos puramente estéticos. A forma, destinando-se a garantir a eficácia da obra, a fazê-la atingir os objectivos visados, impõe-se como elemento manifestamente importante, mas o que lhe determina a qualidade é a função, pelo valor social que possa representar». A seguir uma questão que tem a ver com o espaço linguístico da Guiné-Bissau, povoado pelas línguas-mãe, pelo crioulo e ainda pela língua oficial, o português: «Se é verdade que esta poesia se escreve actualmente em crioulo e em português, cabe-nos a tarefa da sua fixação nas línguas nacionais, enquanto depositárias dos verdadeiros valores africanos».

Agnelo Augusto Regalla desenvolve um tema comum a outros poetas africanos, como, por exemplo, Costa Andrade e Henrique Guerra: o tema do assimilado. «Fui levado/A conhecer a nona Sinfonia/Beethoven e

Mozart/Na música/Dante, Petrarca e Bocácio/Na literatura,/Fui levado a conhecer/A sua cultura...» para depois colocar a interrogação:

Mas ti, Mãe África?
Que conheço eu de ti?
Que conheço eu de ti?
A não ser o que me impingiram?
E a fome e a miséria
Como complementos... ¹²⁰

António Cabral (Morés Djassy), o tema de constância revolucionária:

Somos crianças do tempo da Revolução
Frutos das sementes de séculos de angústias
Somos crianças da luta
Restos da soma do napalm
Restos da soma do napalm e fósforo ¹²¹

Hélder Proença, o da identidade poeta-povo:

Poema que será a arma dos oprimidos!
Poema que confunde com os anseios do povo
O MEU POEMA SERÁ A VOZ DO POVO ¹²²

E deste modo se definem algumas das linhas essenciais que nesta jovem poesia guineense se contêm. Por um lado, os poetas reencontram-se como cidadãos verdadeiramente africanos, por outro a Revolução está em marcha e a poesia (a arte), «arma dos oprimidos!», «voz do povo» vai assumir-se como parte integrante da Revolução.

Daí a denúncia, a determinada acusação: «Para onde vão/Estes *trancos de carvão*/estendidos em caixotes/Como se fossem cargas de porão» (António Sérgio Maria Davyes = Tony Davyes) ¹²³. «Pelo colonialista/Fui chamado Terrorista.../Como Digno Defensor da minha existência» mas «Pela história/o colonialista é o terrorista/Eis a crua verdade e realidade» (Jorge Ampla Cumelerbo = Jorge António da Costa) ¹²⁴. «Não sei quando começaste a bater-me/Em que idade/Em que eternidade/Em que revolução astral/Talvez no ventre da minha mãe» (Kôte = Norberto Tavares de Carvalho) ¹²⁵. Ou em Tomás Paquete: «A fome torcia-se, como as velas/dos barcos,/Onde os pais, por um punhado de peixe,/Deixavam viúvas/As jovens mães solteiras.../Onde os irmãos, por uma sorte de ilusão,/deixavam orfãos/os sobrinhos...» ¹²⁶.

Acusação que tem como alvo imediato o colonialismo, a longa era da escravidão, feita «de dor e lágrimas», como diz António Lopes Jr.: «Prisões! Sacrifícios!/O peso da fome.../Da subalimentação/O peso da História/História de dor e lágrimas/Imposta pela violência repressiva». ¹²⁷

Ao contrário do que acontece, não só com a poesia de Cabo Verde, de S. Tomé e Príncipe como também com a de Angola e Moçambique, esta poesia da Guiné-Bissau toda ela nasce em pleno período da luta armada ou então já no período pós-libertação nacional. É natural, portanto, que alguns destes poetas se reencontrem na exaltação da «ÁFRICA MÁRTIR», dos chefes revolucionários e, sobretudo, de Amílcar Cabral. E daí também um profundo sentido gregário, uma real consciência colectiva, como em José Pedro Sequeira:

Encontramo-nos em toda a parte,
Em toda a parte irmãos:
Nos arrozais e no dendém
Nas savanas e nas hortas
Na tabanca e nos pântanos ¹²⁸

Ou ainda um largo sentido ecuménico, universal, na voz de Nagib Said: «Quando o som do tam-tam/Levar o grito d'África/Ao cume mais alto das consciências/E os processos mentais superiores se conjugarem/Traduzidos no código puro da fraternidade» então

O eco da revolução propagar-se-á
Através das mil montanhas do Mundo ¹²⁹

Ou em Carlos Almada: «Porque o sol que hoje arde/Brilha p'ra todos nós/E p'ra toda a África» ¹³⁰.

Numa luta de libertação fatalmente há os que hesitam ou se destróem, mas a história o registará. Será isso mesmo que o verbo repousado, mas liricamente impressivo de José Carlos significa: «E vi na tabanca queimada devastada/As mesmas botas calcar o sangue, o corpo a morte inocente/De crianças da tua cor, do teu credo perdido/E soube que na terra em pranto pela tua afronta/Tu terias uma morte desenraizada» ¹³¹.

«[...] Contribuição militante a todo um processo de desenvolvimento cultural que decorre no nosso País», como se afirma no Prefácio, ela não podia deixar de ser também a expressão da libertação, da esperança, de uma colagem ao futuro, e aqui vem a propósito citar dois nomes, Armando Salvaterra: «Qu'importa que eu não venha/A saborear os frutos da própria árvore?/Que é

isso/Ao pé da inabalável certeza desse dia admirável?!...
132

E Justino Nunes Monteiro (Justen):

Libertar a África, Libertar o Homem
Libertar o tam-tam e o Korá
Libertar o canto das crianças e o grito sufocado da
[esperança.

Uma esperança vermelho-sangue
Temperada na luta e na morte
Abrindo um caminho novo 133

Em resumo, «arma de combate, ferramenta de construção, ela [a poesia] forja-se no quotidiano árduo mas exaltante da Nação emergente, contribuição modesta no património da Humanidade, por uma Revolução Cultural», são ainda palavras do citado Prefácio.

2. A EXPRESSÃO EM CRIOULO

Entre as várias etnias circula o dialecto crioulo (semelhante ao de Cabo Verde: criado na Guiné ou levado para lá?) 133 e parece cada vez mais, a esse nível, tender a funcionar como língua de contacto, sobrepondo-se às línguas de várias etnias, até porque progressivamente aumenta o seu número de utentes. Só recentemente as tentativas poéticas em dialecto crioulo começam a ganhar o espaço textual. Não só nas canções, nos cantos revolucionários, gravados em disco, como também na lírica que desponta. Curiosamente, no entanto, em *Manténhas para quem luta!* há apenas duas poesias em crioulo, e subscreve-as José Carlos.

NOTAS

DESCOBERTAS E EXPANSÃO

¹ A ordem de chegada dos portugueses ao continente africano foi esta: Cabo Verde, 1460; S. Tomé e Príncipe, 1470; Foz do Zaire, 1482; Moçambique, 1498.

² As primeiras iniciativas do Governo da metrópole relacionadas com a ensino datam de 1740. Outras se seguiram, mas ineficazes. Só a partir dos meados do século XIX o Governo Central procede a uma série de medidas tendentes ao desenvolvimento do ensino em Cabo Verde (Vide José Conrado Carlos de Chelmichi, *Corografia cabo-verdiana ou Descrição Geográfico-Histórica da Província das Ilhas de Cabo-Verde e Guiné*, 1841).

Compulsando os Boletins Oficiais de Cabo Verde, damos conta de várias providências ou diligências levadas a cabo nos fins do segundo quartel do século XIX sobre a instrução pública no Ultramar como, por exemplo, e além de outras:

- Em 1845 se procede à organização da instrução primária nas províncias ultramarinas, abrangendo as «escolas principaes»; «materias de ensino»; «provimento, vencimentos, jubilação e aposentação dos professores»; «criação dos conselhos inspectores de instrução primária»; «sua composição e deveres» (Dec. de 14 agosto e P. R. 2 setembro 1845, o que pressupõe a existência de um ensino público em fase adiantada, pelo menos em Cabo Verde. Tanto assim que:
 - Em 1860 é «creado e estabelecido na cidade da Praia um liceu, com a denominação de Lyceu Nacional de Província de Cabo Verde» (P. circular n.º 313-A de 15 dezembro 1860. B. n.º 83). A título de exemplo, entre outras importantes medidas, e por curiosidade, se regista o seguinte:

- Em 1875 efectuou-se a remessa de exemplares da *Cartilha Nacional* de Caldas Aulete para serem distribuídos pelas escolas de Cabo Verde, pedindo-se informação aos responsáveis pelo ensino sobre os efeitos produzidos (P. R. n.º 32, 19 março 1878. B. n.º 16).
- Em 1866 é «creado o Seminário eclesiástico da diocese de Cabo Verde» (Dec. 3 setembro 1866. B. n.º 44) cuja abertura ocorreu no ano de 1867 (Off. 18 janeiro 1967. B. n.º 9).
- Na segunda metade do século XIX existiu uma biblioteca e um museu nacional, cremos que na cidade da Praia (P. n.º 15, 14 janeiro 1871. B. n.º 10).
- Anteriormente a 1871 havia sido extinta a Sociedade Gabinete de Leitura cuja biblioteca transitou para a Biblioteca da cidade da Praia (P. n.º 157, 10 maio 1871).
- Inclusivamente «a biblioteca foi mandada abrir ao público em todos os dias não santificados e feriados» das seis às oito horas da tarde» (P. n.º 45, 9 fevereiro 1893. B. 6).
- No entanto, «por alvará de 12 de Janeiro de 1740 foi para S. Thiago um mestre de gramática, com 50\$00 reis annuaes», segundo Christiano José de Sernna Barcellos in *Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné*. Parte II. Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1900, p. 281.

³ O prelo foi instalado nas ex-colónias portuguesas nas seguintes datas: Cabo Verde, 1842; Angola, 1845; Moçambique, 1854; S. Tomé e Príncipe, 1857; Guiné-Bissau, 1879.

LITERATURA COLONIAL

⁴ Só recentemente se teve conhecimento da existência desta obra. Deve-se à descoberta, cerca de 1966, de um exemplar na New York Public Library, pelo lusófilo americano Prof. Gerald Moser. Um segundo exemplar encontra-se agora na posse da Biblioteca da Companhia de Diamantes de Angola (Lisboa).

Janheinz Jahn noticia que o dramaturgo português Afonso Álvares, mestiço, contemporâneo de Gil Vicente, nascido e educado no palácio de D. Afonso de Portugal, bispo de Évora, é «o primeiro escritor africano de uma língua europeia», embora os seus autos não tenham relação com a África (in *Manuel de littérature neoafricaine*, Paris, Editions Resma, 1969, pp. 7-8.)

⁵ A. Teixeira da Mota, *Dois escritores quincentistas de Cabo Verde* — André Álvares de Almada e André Dornelas. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1971, p. 39.

⁶ António de Oliveira Cadornega dá-nos notícia do facto nestes termos: «(...) sucedeu ir hum dia o Capitão António Dias de Macedo neste tempo Sargento mór da guerra com huma sua petição sobre certo requerimento, e dizer-lhe o Secretário do Governo Sebastião Rodrigues que emendasse sua Mercê a petição, porque estando em Governo se lhe devia dar Senhoria; o Capitão tinha sua veyra de Poeta, entrando ali perto em huma Caza pediu tinta e papel e escreveu o seguinte (segue-se a poesia que transcrevêramos) — in *História geral das guerras angolanas* «primeiro tomo, escrito, Anno de 1968». Lisboa (edição fac-similada da edição de 1940), 1972, p. 515.

⁷ Constituída por um volumoso número de obras, a literatura colonial, se estudada em separado, obrigaria a subdivisões. Alguns autores ou certas obras de alguns autores pediriam um tratamento especial. Seriam as que a uma

perspectiva europeizada juntam uma visão humanística, mas em que o travo paternalístico que as percorre impediria a sua inclusão na literatura africana de expressão portuguesa.

É evidente que as obras de Alexandre Cabral (*Terra quente*, 1953 e os contos de *Histórias do Zaire*, 1956), produto da sua experiência no Congo; ou os «Três pequenos contos» incluídos em *Despedida breve*, (1958) de José Augusto França; ou ainda o seu excelente romance *Natureza morta* (1949) de motivação angolana, por todas as razões, embora diferentes para cada um dos autores citados, estão para lá destes comentários.

SÉCULO XIX — SENTIMENTO NACIONAL

1. ANGOLA

⁸ José da Silva Maia Ferreira, *Espontaneidades da minha alma*, 1849, p. 17.

⁹ J. Cândido Furtado, «No álbum de uma africana» in *Almanach de Lembranças*, 1864, p. 116; também in M. Ferreira, *No reino de Caliban*, 2.º vol., 1976, pp. 24-25.

¹⁰ Ernesto Marecos, *Juca, a Matumbolla*. Lisboa, 1865, pp. 40, 41, 42.

¹¹ Pedro Félix Machado, autor de uma obra repartida pela ficção e pela poesia (*Sorrisos e desalentos*, colecção de sonetos; *Uma teima*, monólogo) e os romances da série *Scenas d'África* —?— *Romance íntimo*, 3.ª edição com uma carta de F. A. Pinto [isto é Francisco António Pinto]. Lisboa, Ferin, 1892; 2 volumes de 24+213 pp. & 146+1 pp. s/rosto. Cada vol. como uma parte independente. Parte I — *O Dr. Duprat*; Parte II — *O Filho adúltero*. O autor na 2.ª edição de *O filho adúltero* informa ainda que estava no prelo o 2.º vol. da II

Parte — *Antonias ou o caso do bairro Estephania* e anunciava uma III Parte em preparação. Na Biblioteca Nacional, segundo as nossas buscas, apenas se encontra *O filho adulterino*, 2.^a edição. Carlos Ervendosa (in *Itinerário da literatura angolana*, 1972, pp. 34-35) afirma que *Cenas d'África*, numa 2.^a edição foi publicado em folhetins na *Gazeta de Portugal*.

¹² Joaquim Dias Cordeiro da Matta (Jaquim Ria Matta) publicou ainda as seguintes obras: *Ensaio de dicionário kimbundo — português*; *O luandense da alta e da baixa esfera — estudo crítico e analítico*; *Cartilha racional para se aprender o kimbundo escrito segundo a Cartilha Maternal do Dr. João de Deus*; *Cronologia de Angola* [manuscrito].

¹³ Teófilo José da Costa, «Augusto Silvério Ferreira — Perfil biográfico e alguns aspectos da sua vida». In *Jornal de Angola*, n.º 111. Luanda, 1961. Trata-se de um artigo de uma série que o autor publicou no citado *Jornal de Angola*, desde o n.º 108, 31.8.1961 ao n.º 119, agosto 1962, com bastante interesse para o conhecimento da actividade jornalística e cultural do século XIX em Angola.

¹⁴ Os primeiros periódicos não oficiais, excluindo, portanto, os Boletins Oficiais, foram: Angola, *A Civilização da África Portuguesa*, 1866; Moçambique, *O Progresso*, 1868; S. Tomé e Príncipe, *O Equador*, 1869; Cabo Verde, *O Independente*, 1877; Guiné-Bissau, *Pró-Guiné*, 1924.

Os primeiros Boletins Oficiais foram publicados nas seguintes datas: Cabo Verde, 1843; Angola, 1845; Moçambique, 1854; S. Tomé e Príncipe, 1857; Guiné-Bissau, 1880 (De 1843 a 1879 a Guiné-Bissau e Cabo Verde constituíam um todo administrativamente e por isso o Boletim Oficial era comum).

Vem ainda a propósito dizer que os Boletins Oficiais, para além da matéria governativa, mantinham secções de anúncios, avisos, denúncia de credores, etc., e ainda colaboração literária.

2. CABO VERDE

¹⁵ Segundo Gabriel Mariano, de 1853 a 1892 fundaram-se na cidade da Praia (Cabo Verde) treze associações recreativas e culturais como, por exemplo, a Dramática Associação Igualdade, Sociedade Gabinete de Leitura, Associação Literária Grémio Cabo-Verdiano (Entrevista ao *Diário Popular* (suplemento literário), 23 de maio de 1963.

¹⁶ Henrique de Vasconcelos, cabo-verdiano de nascimento, cremos que desde cedo radicado em Portugal, enquanto vivo desfrutou de prestígio literário em Portugal. É autor, pelo menos, das seguintes obras: *Flores cinzentas* (p), Coimbra, 1893; *Os esotéricos* (p), Lisboa, 1894; *A harpa do Vanádio* (p), Coimbra, 1895; *Amor perfeito* (p), Lisboa, 1895; *A mentira vital* (c), Coimbra, 1897; *Contos novos* (c), Lisboa, 1903; *Flirts* (p), Lisboa, 1905; *Circe* (p), Coimbra, 1908; *O sangue das rosas* (p), Lisboa, 1912.

De temática europeia, qual das histórias da literatura o irá recuperar? A portuguesa ou a cabo-verdiana?

¹⁷ Não existe nenhum exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa do romance *O escravo* (1856) de José Evaristo d'Almeida. O único exemplar conhecido encontra-se na posse dos descendentes do autor, residentes em Cabo Verde. Foi por informação de um deles, Amiro Faria, que o registámos em *A aventura crioula*, 2.^a edição, 1973. Possuímos uma fotocópia. No entanto, foi republicado in *A Voz de Cabo Verde* desde o n.º 244, 22 de maio de 1916 ao n.º 294, de maio de 1917,

¹⁸ António de Arteaga, «Amores de uma creoula» in *A Voz de Cabo Verde*, Praia, Cabo Verde, ano I, n.º 1, março de 1951 até ao n.º 17, 10 de maio de 1911.

¹⁹ Idem, «Vinte anos depois», idem n.º 19, 25 de dezembro de 1911.

²⁰ Guilherme A. Cunha Dantas, «Bosquejos d'um passeio ao interior da ilha de S. Thiago», idem, n.º 22, 15 de janeiro de 1912 ao n.º 63, 28 de setembro de 1912.

²¹ Idem, «Contos singelos. Nhô José Pedro ou scenas da ilha Brava», idem, n.º 78, 10 de Dezembro de 1913 ao n.º 96, 16 de junho de 1913.

²² Idem, «Memória de um rapaz pobre», idem, n.º 106, 25 de agosto de 1913.

²³ Eugénio Tavares, «Vida creoula na América», idem, n.º 68, 12 de dezembro de 1912, e n.º 70, 10 de dezembro de 1913. O autor, Eugénio Tavares, faleceu em 1888. Logo, a publicação desta novela é póstuma. E das duas uma: ou se aproveitou um inédito depositado nas mãos de familiares ou amigos ou então terá de se admitir a utilização de um exemplar de cuja existência não se sabe o paradeiro. O mesmo se aplica às suas novelas registadas.

²⁴ Idem, «A virgem e o menino mortos de fome», idem, n.º 73, 6 de janeiro de 1913 ao n.º 77, 3 de fevereiro de 1913.

²⁵ Idem, «Drama da pesca da baleia», idem, n.º 101, 21 de julho de 1913 ao n.º 104, 11 de agosto de 1913.

²⁶ «Carta do Padre António Vieira escripta de Cabo Verde ao padre confessor de sua alteza indo arribado aquelle Estado» [Datada de 25 de dezembro de 1652] in *Cabo Verde*. Praia, Cabo Verde, ano II, n.º 23, pp. 11-12.

²⁷ Vide Baltasar Lopes — *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*. Sep. boletim *Cabo Verde*, n.º 84-86. Praia, Cabo Verde, 1956; Gabriel Mariano — «Do funco ao sobrado ou o mundo que o

mulato criou» in *Colóquios cabo-verdianos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1959; Manuel Ferreira — *A aventura crioula*, 2.^a ed. Lisboa, Plátano Editora, 1973; António Carreira — *Cabo Verde — formação e extinção de uma sociedade escravocrata — 1460-1878*. Porto, 1972.

²⁸ A este respeito José Lopes fornece elementos de interesse em «Os esquecidos» in *Cabo Verde*, ano III, n.º 35, Praia, Cabo Verde, agosto de 1952, pp. 29-32; «Ainda os nossos poetas», idem n.º 36, pp. 9-10; e sobretudo em «Vida colonial» in *Vida Contemporânea*, ano II, n.º 15. Lisboa, Julho de 1935, pp. 196-204; idem, n.º 18, outubro de 1935, pp. 725-731, e n.º 20, dezembro de 1935, pp. 876-882. Vide também Nuno Catarino Cardoso: *Poetisas portuguesas*. Lisboa, 1917; *Sonetistas portuguesas e luso-brasileiros*. Lisboa, 1918; *Cancioneiro da saudade e da morte*. Lisboa, 1920.

²⁹ José Lopes, apesar de uma ou outra alusão aos seus «Irmãos hesperitanos!» ou aos seus «bons irmãos de Dakar» (entenda-se cabo-verdianos lá residentes) ou ao seu «Lameirão», «a nossa antiga horta?...», de São Nicolau; ou de chorar a sua desolação quando, por lapso de um ano, se viu obrigado a emigrar para Angola: «Longe de Cabo Verde, em terra estranha/[...] chorarei minha mágoa confidente,/[...] No desolado exílio deste mato...», apesar de tudo isso, o momento em que o poeta partilha do destino do seu próprio povo é na poesia «A catástrofe da Praia», escrita em 1949, quando um grupo numeroso de esfomeados, que recebia assistência na capital, ficou soterrado num barracão que desabou por força de um temporal: «Não bastavam as fomes? A Miséria/Prolongada, de tantos anos,/tantos,/Sem uma luz na escuridão ciméria?/Tantas angústias tanta Dor e prantos?» Mas nem esta longa poesia de quarenta e quatro quadras enformadas de referências mitológicas e conceitos mítico-religiosos pode autorizar-nos a incluir o nome de José Lopes no capítulo da moderna poesia cabo-verdiana.

Por sua vez, a poesia de Januário Leite (1865-1930) é a viva conotação do drama individual de um desadaptado morbidamente incompreendido e infeliz: «As minhas horas sombrias,/São horas do meu prazer;/Quem nunca teve alegrias,/Afeiçoa-se ao sofrer...»

Pedro Cardoso (c. 1890-1942), autor de «Crioula» («Crioula divina/e moça e menina!/(...) É lírio, ébano e coral!»); de «Morna» («Flor de duas raças tristes/Vindas da Selva e do Mar,/Que a nós se acharam um dia/Na mesma praia ao luar»); de «Cabo Verde», («Cabo Verde, que ironia bruta e negra perdida/Toda aberta em ígneo algar/por sobre a verde campinha/Das ondas verdes do mar!»); e de outros poemas, tendo como ponto de partida o vulcão do Fogo, sua ilha natal: «Vesúvio cabo-verdiano!», «Padrão imenso sobre o mar erguido», «simbolizando» «o futuro talvez de um grande povo!», assim poesia de ambiência regional, com relevo para a «VI» do livro *Hespérides*, sobre as estiagens, citando inclusive a «fome crónica e dura»; apesar de toda esta preocupação humana, que lhe dá o natural direito de ter alcançado maior grau de autenticidade regional do que o próprio José Lopes — mesmo assim, por muito respeitável que tenha sido a actividade poética destes autores, eles ficarão como antecessores, e não como precursores. Eles serão o primeiro termo de uma relação. Eles antecedem, mas não anunciam, não predizem. Justificam, mas dificilmente deixam adivinhar ou perceber a natureza do termo consequente.

3. MOÇAMBIQUE

³⁰ Aqui nos cumpre esclarecer, se para tanto houver necessidade. Quando ao longo das nossas intervenções nos referimos a uma maior ou menor presença europeia ou a um maior ou menor índice de mestiçagem como fundamento de uma maior ou menor actividade cultural ou literária, é evidente que não pretendemos emprestar a estas afirmações

um carácter racial, mas sim cultural e político. Os alicerces de uma literatura neo-africana do período colonial construíram-se a partir de uma burguesia europeia, europeizada ou africana. O povo, o homem africano, esse continuando analfabeto, longe das influências culturais de raiz europeia, manteve-se alheio ao processo literário. Os jornalistas, os poetas, os ficcionistas teriam forçosamente de ser recrutados nos estratos sociais de onde emergiam, normalmente, aqueles que teriam acesso à escola, à instrução, à cultura.

4. *S. TOMÉ E PRÍNCIPE*

³¹ Francisco José Tenreiro, *Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe: Esquema de uma evolução conjunta*. Sep. do *Cabo Verde*, ano III, n.º 76. Praia, Cabo Verde, 1956, pp. 12-17.

³² Caetano da Costa Alegre, *Versos*, 1916, p. 26.

³³ *Idem*, p. 26.

³⁴ *Idem*, p. 47.

³⁵ *Idem*, p. 61.

³⁶ *Idem*, p. 100.

CABO VERDE

1. *LÍRICA*

³⁷ *Suplemento Cultural* do boletim *Cabo Verde*, ano ??, n.º ?, Praia, Cabo Verde, 1958.

³⁸ Jorge Barbosa, *Arquipélago*, 1935, p. 24.

³⁹ Idem, *Ambiente*, 1941, p. 17.

⁴⁰ Idem, p. 20.

⁴¹ Jorge de Sena, *Líricas portuguesas*, 3.^a série, 1958, p. 123.

⁴² António Pedro, *Diário*, 1929, p. 20.

⁴³ Jorge Barbosa, *Arquipélago*, 1935, p. 30.

⁴⁴ Manuel Lopes, *Crioulo e outros poemas*, 1964, p. 31.

⁴⁵ Idem, idem, p. 83.

⁴⁶ Idem, p. 59.

⁴⁷ Pedro Corsino Azevedo, «Renascença» in *Claridade*, n.º 5, 1947, p. 16; também in M. Ferreira, *No reino de Caliban*, 1.º vol., 1975, p. 121.

⁴⁸ Idem, «Terra-Longe» in *Claridade*, n.º 4, 1947, p. 12.

⁴⁹ Idem, «Galinha branca» in M. Ferreira, *No reino de Caliban*, 1.º vol., Lisboa, 1975, pp. 124-125.

⁵⁰ Deve-se a Pedro da Silveira a publicação deste poema, acompanhado de uma nota, em *Mensagem*, Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, ano XVI, n.º 1, julho de 1964, pp. 10-11-12.

Fala-se de um original perdido de Pedro Corsino de Azevedo, «Era de Ouro».

⁵¹ Baltasar Lopes, «Recordai do desterrado no dia de S. Silvestre de 1957» in *Claridade*, n.º 8, 1958, p. 39.

⁵² Idem, «Menino de outro gongon» *COLÓQUIO/Letras*, n.º 14, 1973, p. 58.

⁵³ Guilherme Rocheteau, «Panorama» in *Certeza*, n.º 1, 1944.

⁵⁴ Tomaz Martins, «Poema para tu decorares» in *Claridade*, n.º 4, 1947, p. 37.

⁵⁵ Nuno Miranda, «Revelação» in *Certeza*, n.º 1, 1944.

⁵⁶ Idem, *Cancioneiro da ilha*, 1964, p. 42.

⁵⁷ Arnaldo França, «A conquista da poesia» in *Claridade*, n.º 5, 1947, p. 33.

⁵⁸ Idem, «Paz-3» in *Claridade*, n.º 8, 1958, pp. 27-28.

⁵⁹ António Nunes, *Poemas de longe*, 1945, p. 32.

⁶⁰ Idem, «Ritmo de pilão» in *Cabo Verde*, Praia, Cabo Verde, n.º 108, 1958, p. 15.

⁶¹ Pedro Cardoso, *Jardim das Hespérides*, 1926, p. 11.

⁶² Aguinaldo Fonseca, *Linha do horizonte*, 1951, p. 61.

⁶³ Gabriel Mariano, «Nada nos separa» in *Cabo Verde*, n.º 109 p. 19.

⁶⁴ Onésimo Silveira, «Saga» in *Claridade*, n.º 8, 1958, p. 70.

⁶⁵ Idem, *Hora grande*, 1962, p. 41.

⁶⁶ Idem, p. 26.

⁶⁷ Ovídio Martins, *Caminhada*, 1962, p. 12.

⁶⁸ Idem, *Gritarei berrarei matarei/Não vou para Pasárgada*, s/d, 1973, p. 76.

⁶⁹ Gabriel Mariano, «Cantiga da minha ilha» in Mário Pinto de Andrade, *Antologia da poesia africana de expressão portuguesa*, 1968, p. 6.

⁷⁰ Idem, «Capitão Ambrósio», 1975, p. 13.

⁷¹ Yolanda Morazzo, *Cântico de ferro*, 1977, p. 63

⁷² Idem, idem, p. 11.

⁷³ Terêncio Anahory, *Caminho longe*, 1962, p. 19.

⁷⁴ Arménio Vieira, «Poema» in *Mákua 1*, 1962, p. 22.

⁷⁵ Rolando Vera-Cruz, «Poema sem tempo» in *Vértice*, n.ºs 334-335, 1971, p. 849.

⁷⁶ João Vário é autor de quatro livros, o primeiro dos quais *Horas sem carne*, 1958, retirado da sua bibliografia pelo próprio. Os outros são: *Exemplo geral*, 1966; *Exemplo relativo*, 1968; *Exemplo dúbio*, 1975. João Vário participou também na iniciativa coimbrã *Éxodo* (1961).

⁷⁷ Timóteo Tio Tiofe, *O primeiro livro de Notcha*, 1975, pp. 88-89.

⁷⁸ Corsino Fortes, *Pão & fonema*, 1974, p. 60.

⁷⁹ Osvaldo Osório, *Caboverdeamadamente construção meu amor*, 1975, p. 43.

⁸⁰ Idem, idem, 1975, p. 46.

⁸¹ Dante Mariano, «Comunicado n.º 1» in M. Ferreira, *No reino de Caliban*, 1.º vol., 1975, p. 252.

⁸² Kwame Kondé, *Kordá kaoberdi*, 1974, p. 59.

⁸³ Idem, idem, p. 83.

⁸⁴ Sukre D'Sal, *Horizonte aberto*, 1976, p. 29.

⁸⁵ Tacalhe «Lar», in M. Ferreira, *No reino de Caliban*, 1.º vol., 1975, p. 258.

⁸⁶ Idem, «Poema para depois» in «Cultura» de *Voz di Povo*, Praia, Cabo Verde, 29-II-1977, p. 8.

⁸⁷ Luís Romano, *Clima*, 1963, p. 236.

⁸⁸ Teobaldo, Virgínio, *Viagem para além da fronteira*, 1973, P. 39.

⁸⁹ Daniel Filipe, *Missiva*, 1946, p. 43.

⁹⁰ Amílcar Cabral, «Ilha», in *Cabo Verde*, ano I, n.º 2, 1949, p. 11.

⁹¹ Idem, «Segue o teu rumo irmão» in *Vozes*, n.º 1, 1974, p. 19.

⁹² Idem, «Quem é que não se lembra», idem, p. 19.

⁹³ Amílcar Cabral na sua juventude, pelo menos, mesmo antes de assumir as responsabilidades políticas que veio a assumir, andou pelas lides literárias. Escreveu um ou outro ensaio («Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana» — in Cabo Verde ano n.º 28, 1952) e publicou escassos poemas. Ouvimo-lo, inclusive, ler um conto em 1943 ou 1944, em S. Vicente de Cabo Verde, apresentado ao grupo da Academia

Cultivar, de onde saiu o projecto da *Certeza*. Acentue-se que, até há bem pouco tempo, sabíamos da existência de uns três poemas: «Ilha», publicado no jornal *Ilha*, ano VII, Ponta Delgada — Açores, 22-VI-1946; «Regresso», no *Cabo Verde*, ano I, n.º 2, Praia, Cabo Verde, 1949; e posteriormente «Para ti, mãe Iva», publicado no seu livro de curso, republicado, depois do seu assassinato, no jornal *Expresso* (Lisboa). Após a independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde, Luís Romano junta sete poemas ao seu artigo «Amílcar Cabral. Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana», (in *Vozes*, n.º 1, Brasil, 1976, pp. 15-21). Mais recentemente Mário Pinto de Andrade reúne três poemas ao artigo «Amílcar Cabral e a reafirmação dos espíritos», publicado em *Nó Pintcha*, Bissau, 12-IX-76, aquando das comemorações do XX aniversário do P. A. I. G. C. Entretanto Mário de Andrade e Arnaldo França transcrevem um novo poema (sem título) no ensaio «A cultura na problemática da libertação nacional e do desenvolvimento, à luz do pensamento de Amílcar Cabral» in *Raízes*, ano I, n.º 1. Praia, Cabo Verde, 1977, p. 4. Alguns destes poemas repetem-se nas publicações que referimos e, assim, do nosso conhecimento, são ao todo dez poemas. Os três poemas publicados por M. Andrade vêm acompanhados da indicação da fonte: «*Mensagem*. Boletim da Casa dos Estudantes do Império, ano II, maio a dezembro, n.º 11», desconhecendo-se o ano e se é a fonte apenas do último poema se dos três.

2. NARRATIVA

⁹⁴ *Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea*, selecção e notas de Baltasar Lopes, introdução de Manuel Ferreira e comentário de António Aurélio Gonçalves. Praia, Cabo Verde, 1960.

⁹⁵ Óscar Lopes, *Ler e depois*. Porto, Editorial Inova, 1969. Recolha de críticas publicadas no suplemento «Cultura e Arte» de *O Comércio do Porto*.

⁹⁶ Um dos tópicos da literatura cabo-verdiana é a «partida». Teria cabido a Eugénio Tavares glosar pela primeira vez o drama da emigração no poema «Hora di bai»: hora da partida, hora da despedida, «hora di dor». Partida que é uma consequência da seca, da fome: emigração. Paralelamente, há uma outra atitude que se insinua e depois se define: o desejo de partir pela necessidade de ver outras terras, outras gentes. Necessidade de compensar, em meios de acentuado desenvolvimento social e intelectual, a vida estreita das ilhas. Estado de espírito este de natureza cultural e sentimental. E às vezes mais «literário» do que real. A isto se chamou, depois, *evasionismo*. Querendo-se significar a fuga, o abandono, a desresponsabilização. O nosso esquema seria este:

motivação real	<i>emigração</i> :	origem	económica	—
Terralongismo —				
motivação real ou não	<i>evasionismo</i> :	origem	intelectual	—

Onésimo da Silveira, no ensaio citado, desencadeou um ataque directo à literatura cabo-verdiana subscrita pelos homens da *Claridade* e de alguns outros que vieram depois, acusando-a de vários males e um deles seria o de «evasionismo». Isto levar-nos-ia longe. Mas desejaríamos aqui deixar consignado o seguinte: *a)* — Nos anos 30-40, de um modo geral, os escritores sentiam a necessidade de alargar os seus horizontes e isso não pressupunha de modo nenhum um desenraizamento; *b)* — No discurso da «evasão» não estava explícito o abandono e sim implícito o regresso; *c)* — Se virtude possui a literatura cabo-verdiana dessa época é exactamente a do elevado grau de responsabilização que os autores demonstraram no empenhamento de se inserirem no

centro do universo crioulo, rompendo, de vez, com um passado de alienação literária.

⁹⁷ Maria Lúcia Lepecki — crítica a *Virgens loucas* in *COLÓQUIO/Letras*, n.º 11. Lisboa, janeiro de 1975, p. 77.

3. DRAMA

⁹⁸ Jaime de Figueiredo, *Terra de sódade* — argumento para bailado folclórico em quatro quadros, in *Atlântico*, nova série, n.º 3. Lisboa, 1946, pp. 24-42.

4. BILINGUISMO CABO-VERDIANO

⁹⁹ Eugénio Tavares, *Mornas — cantigas crioulas*, 1932, p. 27.

¹⁰⁰ Pedro Cardoso, *Folclore caboverdiano*, 1933, p. 71.

¹⁰¹ Os principais trabalhos de autores cabo-verdianos sobre o dialecto crioulo são: Baltasar Lopes: «Uma experiência românica nos trópicos», I e II in *Claridade*, n.º 4, 1947, pp. 15-22, e n.º 5, 1947, pp. 1-10; *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, 1957; Maria Dulce de Oliveira Almada; *Cabo Verde — Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu Arquipélago*, 1961.

¹⁰² Após a independência, nos dois actuais jornais cabo-verdianos: *Voz di Povo* (Santiago) e *Nossa Terra* (Fogo), para além de inúmeros versos em dialecto, vêm sendo publicados vários textos em prosa, deixando-nos a impressão de subscritos, uns e outros, na generalidade, por quem pela primeira vez experimenta a mão. De qualquer modo, o facto surpreende e exige ser acompanhado com atenção. Surpreende, mas relativamente, claro. Deverá ter-se em conta

a circunstância de anteriormente à independência, o mensário *Repique do Sino* (ilha da Brava) ter sido durante muito tempo repositório de textos dialectais, sobretudo em verso.

S. TOMÉ E PRÍNCIPE

1. LÍRICA

¹⁰³ Francisco José Tenreiro, *Obra poética de Francisco José Tenreiro*, 1967, p. 90.

¹⁰⁴ Idem, idem, p. 48.

¹⁰⁵ Idem, idem, p. 120.

¹⁰⁶ Trata-se de Joaquim Namorado. Autor do poema «África», publicado n' *O Diabo*, n.º 309, 24 de agosto de 1940, a primeira expressão literária duma visão dialéctica de África, enquanto continente explorado, por parte de um poeta português que nunca viveu no continente africano.

¹⁰⁷ Francisco José Tenreiro, *Obra poética de Francisco José Tenreiro*, 1967, p. 11.

¹⁰⁸ Alda do Espírito Santo, «Em torno da minha baía» in A. Margarido, *Poetas de S. Tomé e Príncipe*, 1963, p. 64. Tem como referência o massacre de Batepá ocorrido em S. Tomé, em fevereiro de 1953, sendo governador o tenente-coronel Gorgulho.

¹⁰⁹ Idem, «Onde estão os homens caçados neste vento de loucura», idem, pp. 65-66.

¹¹⁰ Maria Manuela Margarido, «Roça» in A. Margarido, *Poetas de S. Tomé e Príncipe*, 1963, p. 81.

¹¹¹ Idem, «Paisagem», idem, p. 81.

¹¹² Tomaz Medeiros, «Meu canto Europa» in A. Margarido, *Poetas de S. Tomé e Príncipe*, 1963, p. 76.

¹¹³ Idem, «Caminhos» in «*Cultura*» (II), n.ºs 9-10. Luanda, dezembro de 1959.

¹¹⁴ Marcelo Veiga, «África é nossa» in M. Ferreira *No reino de Caliban*, 2.º vol., 1976, pp. 466-467.

¹¹⁵ Idem, idem, p. 466.

¹¹⁶ Idem, «Regresso do homem negro» in A. Margarido, *Poetas de S. Tomé e Príncipe*, 1964, p. 87.

¹¹⁷ Idem, «A João Santa Rosa», idem, p. 89.

2. NARRATIVA

¹¹⁸ Alves Preto, «Um homem igual a tantos» in *Mensagem*. Lisboa, Casa dos Estudantes de Lisboa, ano II, n.º 2, fevereiro de 1959, pp. 21-23. «Aconteceu no morro», idem, ano II, n.ºs 5-6, 1960, pp. 2-6.

GUINÉ-BISSAU

1. LÍRICA

¹¹⁹ Amílcar Cabral nasceu na Guiné-Bissau, filho de pais cabo-verdianos. Viveu em Cabo Verde desde criança e ali

concluiu o curso dos liceus. Isto explica a natureza da sua poesia.

¹²⁰ Agnelo Augusto Regalla, «Poema de um assimilado» in Conselho Nacional de Cultura (Guiné-Bissau), *Manténhas para quem luta!*, 1977, p. 15.

¹²¹ António Cabral, «Somos crianças», idem, p. 22.

¹²² Hélder Proença, «Escreverei mais um poema», idem, p. 51.

¹²³ Tony Davyes, «Desespero», idem, p. 26.

¹²⁴ Jorge Ampla Cumelerbo, «O vulgar pertence à história», idem, p. 55.

¹²⁵ Kôte, «Sôba Quinty», idem, p. 86.

¹²⁶ Tomás Paquete, «Ao acaso... no mar ...», idem, p. 93.

¹²⁷ António Simões Lopes Jr. «Abusivamente», idem, pp. 29-30.

¹²⁸ José Pedro Sequeira, «A vida real dos homens nossos irmãos», idem, p. 67.

¹²⁹ Nagib Said «A agonia dos impérios», idem, p. 80.

¹³⁰ Carlos Almada, «Geba», idem, p. 46.

¹³¹ José Carlos, «Morte desenraizada», idem, p. 61.

¹³² Armando Salvaterra, «Depois de mim», idem, p. 39.

¹³³ Justen, «Poema», idem, p. 73.

2. A EXPRESSÃO EM CRIOULO

¹³⁴ Foi sempre considerável a comunidade cabo-verdiana na Guiné-Bissau. Tenhamos presente que esta ex-colónia portuguesa esteve administrativamente vinculada a Cabo Verde até 1879.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

(selectiva)

Nota:

Dada a impossibilidade de irmos além de uma bibliografia selectiva, aceitamos correr o risco de qualquer omissão discutível ou involuntária.

Aconselhamos, porém, aos que estiverem interessados, a consulta dos prefácios às antologias citadas no vol. I ou II com destaque para os de Alfredo Margarido, Mário Pinto de Andrade, Jaime de Figueiredo, António Aurélio Gonçalves, Mário António, Pires Laranjeira, Serafim Ferreira e Manuel Ferreira. Útil poderá ser também a leitura de prefácios a algumas das obras mencionadas, como as de Agostinho Neto, Costa Andrade, Manuel Rui, Bobella-Mota.

Por certo que a *Bibliografia africana de expressão portuguesa* de Gerald Moser e de Manuel Ferreira, no prelo, será um guia indispensável.

GERAL

BURNESS, Donald

Fire: Six Writers from Angola, Mozambique, and Cape Verde. Prof. Manuel Ferreira. Washington, Three Continents Press, 1977.

CABRAL, Amílcar

«O papel da cultura na luta pela independência» [Texto apresentado à UNESCO, em Paris, na reunião de 3-7 de julho de 1972].

Também in *Obras escolhidas de Amílcar Cabral*, vol. 1 (*A arma da teoria/ unidade e luta I*), textos coordenados por Mário de Andrade. Lisboa, Seara Nova, 1976, p. 234-247.

CÉSAR, Amândio

Parágrafos de literatura ultramarina. Lisboa, 1967. 346 p.

Novos parágrafos de literatura ultramarina. Lisboa, 1971. 511 p.

HAMILTON, Russel G.

Voices from an Empire. A History of Afro-Portuguese Literature. University of Minnesota Press, 1975. 450 p.

HERDECK, Donald E.

African Authors: a companion to black African writing, vol. 1, 1300-1973. Washington, Black Orpheus Press, 1973. XII+605 p. [Inclui a biografia de 58 escritores africanos de língua portuguesa].

MARGARIDO, Alfredo

«Incidences socio-économiques sur la poésie noire d'expression portugaise». In *Diogène*, n.º 37. Paris, janeiro-março, 1962, pp. 53-80.

«Panorama». In C. Barreto, *Estrada larga*, vol. 3. Porto [1962], pp. 482-491. [Sobre a poesia de «S. Tomé, Angola e Moçambique» integrada no tema geral «A poesia post-Orpheu»].

Negritude e humanismo. Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1964. 44 p.

MOISÉS, Massaud

Literatura portuguesa moderna. Guia biográfico, crítico e bibliográfico. Ed. Cultrix. S. Paulo, Universidade de S. Paulo, 1973. 202 p. [Contém a bibliografia de vários autores africanos e o cap. «Literatura do Ultramar», p. 102-105].

MOSER, Gerald

Essays in Portuguese-African Literature. Col. The Pennsylvania State University Studies, 26. University Park (Pensilvânia). Universidade do Estado da Pensilvânia, 1969. (8) + 88 p. [Contém um ensaio sobre Castro Soromenho].

A tentative Portuguese-African bibliography: Portuguese literature in Africa and African literature in the Portuguese language. University Park (Pennsylvania). The Pennsylvania State University Libraries, 1970. XI, 148 p.+suplemento de 2 p. 11 folha de err. L.

«How African is the African literature written in portuguese?». In «Black African», *Review of National Literature*, vol. 2, n.º 2. Jamaica (Long Island), Estados Unidos), outono 1971, pp. 148-166.

NEVES, João Alves das

Vários artigos e críticas literárias in suplemento literário do *Estado de S. Paulo* (Brasil) e na revista *Anhembi*, cerca de 1960 a 1968.

PINTO BULL, Benjamim

«Regards sur la poésie africaine d'expression portugaise». In *L'Afrique*, n.º 2. Universidade de Dakar, 1972, p. 79-117.

PRETO-RODAS, Richard A.

Negritude as a theme in the poetry of the Portuguese-Speaking World. Col. Humanities Monographs, 3?. Gainesville, University of Florida Press, 1970. 85 p.

RIÁUSOVA, Helena A.

«O papel das tradições estrangeiras na formação das literaturas africanas de expressão portuguesa». In *Problemas actuais do estudo das literaturas d'África.* Moscovo, 1969, p. 106-15.

Formação das literaturas africanas de expressão portuguesa. Moscovo, Academia das Ciências da U. R. S. S. Instituto de Literatura Mundial Gorki, 1970. 20 p.

«Acerca da literatura negra». In *Mensagem*, ano XV, *Estrada larga*, n.º 3. Porto, Porto Editora [1962].

As literaturas da África de expressão portuguesa. Moscovo, Ed. «Nauka», 1972. 263 p. [Academia das Ciências da U. R. S. S. Instituto de Literatura Mundial Gorki. Bibliografia].

TENREIRO, Francisco

«Acerca da literatura negra». In *Mensagem*, ano XV, n.º 1, Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1963, p. 9-16, 32-33, e depois in Costa Barreto, *Estrada larga*, vol. 3. Porto Editora [1962].

«Processo poesia». In *Mensagem*, ano XV, n.º 1. Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, Abril 1963, p. 4-10.

TORRES, Alexandre Pinheiro

O neo-realismo literário português. Lisboa, Moraes Editores, 1976. 226 p.

CABO VERDE

ALMADA, Maria Dulce de Oliveira

Cabo Verde. Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961. 166 p. Il.

ARAÚJO, Norman

A study of Cape Verdean literature. Boston, Boston College, 1966. 225 p.

BARCELLOS, Christiano José de Scena

Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné. Lisboa, tip. da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1899 a 1912.

CABRAL, Amílcar

«Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana». In *Cabo Verde*, ano III, n.º 28. Praia, Cabo Verde, janeiro 1952, p. 5-8.

CARDOSO, Pedro

Folclore caboverdeano. Porto, Edições Maranus, 1933. 120 p.

CARREIRA, António

Cabo Verde. Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878). Lisboa, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1972. 580 p. Extensa bibliografia. II.

DUARTE, Manuel

«Cabo-verdianidade e africanidade». in *Vértice*, XII, n.º 134. Coimbra, 1954, p. 639-644. [O primeiro ensaio sobre este tema].

FERREIRA, Manuel

«As ilhas crioulas na sua poesia moderna». In C. Barreto, *Estrada larga*, vol. 3. Porto, Porto Editora, [1962], pp. 448-454.

A aventura crioula. 2.^a ed. Lisboa, Plátano Editora, 1973. XXIX + 442 p. [Extensa bibliografia].

«Jorge Barbosa». In J. J. Cochofel, *Grande dicionário da literatura portuguesa e de teoria literária* [em curso de publicação desde 1971], p. 601-604.

«O círculo do mar e o *terra-longismo* em *Chiquinbo* de Baltasar Lopes». In *COLÓQUIO/Letras*, n.º 5. Lisboa, janeiro 1972, pp. 66-70.

FRANÇA, Arnaldo

Notas sobre poesia e ficção cabo-verdianas. Praia, Cabo Verde, 1962. 23 p. Sep. *Cabo Verde* (nova fase), n.º 1-157, outubro 1962.

GÉRARD, Albert S.

«The literature of Cape Verde». In *African Arts/Arts d'Afrique*, vol. 1, n.º 2. Los Angeles, inverno 1968, p. 66-70.

GONÇALVES, António Aurélio

«Alguns poemas de Osvaldo Alcântara». In *Cabo Verde*, n.º 80, maio 1956, pp. 9-13. [Trata-se de Baltasar Lopes].

«Bases para uma cultura de Cabo Verde». In *Diário da viagem presidencial às províncias da Guiné e Cabo Verde*. Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1956, pp. 159-177.

LINA, Mesquitela

Pão & fonema ou a odisseia de um povo. (Estudo analítico de um poema de Corsino Fortes). Luanda, Comité de Acção do PAIGC — ANGOLA. Casa Amílcar Cabral, 1974. 52 p.

LOPES, Baltasar

O dialecto crioulo de Cabo Verde. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1957. 391 p.

Cabo Verde visto por Gilberto Freyre. Apontamentos lidos ao microfone de Rádio Barlavento. Praia, Cabo Verde, Imprensa Nacional, 1956. 52 p. Sep. do *Cabo Verde*, n.º 84 a 86.

«Uma experiência românica nos trópicos, I, II. In *Claridade* (S. Vicente, Cabo Verde), n.º 4, 1947, pp. 15-22, e n.º 5, 1947, pp. 1-10.

LOPES, Manuel

«Reflexões sobre a literatura cabo-verdiana ou a literatura nos meios pequenos». In *Colóquios cabo-verdianos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1959, p. 1-22.

LOPES, Óscar

«Ficção cabo-verdiana». In *Modo de ler*. Porto, Editorial Inova, 1969, p. 135-147.

MARIANO, Gabriel

«Negritude e cabo-verdianidade». In *Cabo Verde*, ano IX, n.º 104. Praia, Cabo Verde, 1958, p. 7-8.

«Em torno do crioulo». In *Cabo Verde*, ano IX, n.º 107. Praia, Cabo Verde, 1958, p. 7-8.

«A mestiçagem: seu papel na formação da sociedade cabo-verdiana». In *Cabo Verde*, n.º 109. Praia, Cabo Verde, 1958.

«Do funco ao sobrado ou o ‘mundo que o mulato criou». In *Colóquios cabo-verdianos*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1959, p. 23-49.

«Inquietação e serenidade. Aspectos da insularidade na poesia cabo-verdiana». In *Estudos ultramarinos*, n.º 3. Lisboa, 1959, p. 55-79.

«Convergência lírica portuguesa num poeta cabo-verdiano na língua crioula, do séc. XIX». In *II Congresso das comunidades de cultura portuguesa*, vol. 2. Moçambique, 1967, p. 497-510. [Sobre Eugénio Tavares].

Uma introdução à poesia de Jorge Barbosa. Praia, Cabo Verde, 1964. 70 p.

MONTEIRO, Félix

«Bandeiras da ilha do Fogo. O senhor e o escravo divertem-se». In *Claridade*, n.º 8. S. Vicente, Cabo Verde, 1958, pp. 9-22.

«Cantigas de Ana Procópio». In *Claridade*, n.º 9. S. Vicente, Cabo Verde, 1960, pp. 15-23.

- NUNES, Maria Luisa (NUNES, Mary Louise)
The phonologie of Cape Verdean dialects of portuguese. Sep. do *Boletim de Filologia*, tomo XX. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1963. 56 p.
- OLIVEIRA, José Osório de
Poesia de Cabo Verde. Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1944. 50 p. não num.
- RIÁUSOVA, Helena A.
«As literaturas das Ilhas de Cabo Verde e São Tomé». In vários autores, *Literaturas contemporâneas da África Oriental e Meridional*, cap. VI, pp. 224-258. Moscovo, Idotelstvo «Nauk», 1974.
- ROMANO, Luís
«Literatura cabo-verdiana». In *Ocidente*, vol. 70, n.º 335. Lisboa, março 1966, p. 105-116.
Cabo Verde — Renascença de uma civilização no Atlântico Médio. Sep. *Ocidente*. Lisboa, 1975. 212 p.
- SILVEIRA, Onésimo
Consciencialização na literatura cabo-verdiana. Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1963. 32 p.
- SILVEIRA, Pedro da
«Relance da literatura cabo-verdiana», I, II, III. In «Cultura e Arte» d'O *Comércio do Porto*. Porto, 24 dezembro 1953, 27 abril 1954 e 13 julho 1954.
- SOUSA, Teixeira de
«A estrutura social da ilha do Fogo em 1940». In *Claridade*, n.º 5. S. Vicente, Cabo Verde, 1974, pp. 42-44.

«Sobrados, lojas e funcos». In *Claridade*, n.º 8. S. Vicente, Cabo Verde, 1958, pp. 2-8.

TENREIRO, Francisco José

Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe. Esquema de uma evolução conjunta. In *Cabo Verde*, ano VII, n.º 76. Praia, Cabo Verde, janeiro 1956, p. 12-17.

VALKHOFF, Marius F.

Textos crioulos cabo-verdianos por Sérgio Frusoni. Lisboa, Silvas, C. T. G. scarl, 1975, Sep. *Miscelânea Luso-Africana*, Junta de Investigações do Ultramar, pp. 165-203. [Contém algumas poesias e um conto em crioulo com tradução em português de M. Valkhoff, que prefaciou a obra].

S. TOMÉ E PRÍNCIPE

MARGARIDO, Maria Manuel

«De Costa Alegre a Francisco José Tenreiro». In *Estudos Ultramarinos*, n.º 3. Lisboa, Instituto Superior dos Estudos Ultramarinos, 1959, p. 93-107.

RIÁUSOVA, Helena A.

«As literaturas das Ilhas de Cabo Verde e São Tomé». (Vide «Cabo Verde»).

SANTO, Alda do Espírito

«Algumas notas sobre o falar dos nativos da ilha de S. Tomé». In *Conferência Internacional dos Africanos Ocidentais*. S. Tomé, 1956.

REIS, Fernando

Povo flogá: «O povo brinca». Folclore de São Tomé e Príncipe. Edição da Câmara Municipal de São Tomé e Príncipe. Lisboa, Tip. Bertrand (Irmão), Lda., 1969. 241 p. [Além do mais contém as peças *O «Tchiloli» ou a tragédia do Marquês de Mântua e do imperador Carloto Magno* e o *Auto de Floripes*].

RIBAS, Tomaz

«O tchiloli ou as tragédias de São Tomé e Príncipe». In *Espiral*, vol. 1, n.º 6-7. Lisboa, 1965, p. 70-77.

GUINÉ - BISSAU

BARROS, Marcelino Marques de

«O Guineense». In *Revista Lusitana*, vol. II, pp. 166 e 268; vol. V, pp. 174 e 271; vol. VI, p. 300; vol. X, pp. 306-310.

PINTO BULL, Benjamim

Le créole de la Guiné-Bissau. Structures grammaticales, philosophie et sagesse à travers ses surnoms, ses proverbes et ses expressions. Université de Dakar, Centre de Hautes Études Afro-Ibero-Américaines. Faculté des Lettres & Sciences Humaines, 1975. 55 p.+1 folha err.

TENDEIRO, João

«Aspectos marginais da literatura da Guiné Portuguesa». In *Estudos Ultramarinos*, n.º 3. Lisboa, Instituto Superior dos Estudos Ultramarinos, 1959, 93-107.

ÍNDICE DE AUTORES, OBRAS E TEMAS

A

- A tentative Portuguese-African bibliography: Portuguese literature in Africa and African literature in the Portuguese language:* 117
- A terra de meu pai:* 29
- A Tribuna:* 28
- «A vida real dos homens nossos irmãos»: 112
- «A virgem e o menino mortos de fome»: 22, 29
- A Voz de Cabo Verde:* 98
- A culturação cabo-verdiana: 22
- «A agonia dos impérios»: 112
- A Aurora:* 16, 19
- Acto Colonial: 12
- A aventura crioula:* 98, 100, 120
- A Civilização da África Portuguesa:* 97
- «A conquista da poesia»: 43, 104
- «A cultura na problemática da libertação nacional e do desenvolvimento, à luz do pensamento de Amílcar Cabral»: 107
- «A estrutura social da ilha do Fogo»: 123
- A harpa de Vanadio:* 98
- «A João Santa Rosa»: 111
- A ilha e a solidão:* 58
- A literatura africana de expressão portuguesa: 7, 8, 10
- A literatura portuguesa e a expansão ultramarina: 8
- A mentira vital:* 98
- «A mestiçagem: Seu papel na formação da sociedade cabo-verdiana»: 122
- A partida: 108
- A primeira viagem:* 12
- A revolta:* 85
- A study of Cape Verdean literature:* 119
- «Abusivamente»: 112
- Academia Cultivar: 106
- «Àcerca da literatura negra»: 118
- «Aconteceu no morro»: 82, 111

África: 7, 8, 9, 46, 52, 81, 95, 110
«África é nossa»: 111
African Arts/ Arts d'Afrique: 120
African Authors: 116
Africanidade: 15
«Agrupamento da ilha»: 83
«Ainda os nossos poetas»: 100
Albasini, João: 27
Alcântara, Osvaldo: 39, 41, 42, 74, 120
Alegre, Caetano da Costa: 29, 30, 31, 76, 78, 80, 102
Aleixo, Rodrigo: 23
Alfama, Jorge Miranda: 51, 52, 74
Alfama, José Bernardo: 70
«Algumas notas sobre o falar dos nativos da ilha de S. Tomé»:
124
Almada, Carlos: 90, 112
Almada, Maria Dulce de Oliveira: 109, 118
Almada-Negreiros: 80
Almanach de Lembranças: 27
Almanach Luso Africano: 19, 28, 70
Amarilis, Orlanda: 62, 68
Almas negras: 11
Almeida, José Evaristo d': 20, 21, 98
Almeida, Viana de: 67, 82
Álvares, Afonso: 95
Alvarez, Manuel, Vide Nuno de Miranda Amado, Jorge: 43
«Amilcar Cabral e a reafricanização dos espíritos»: 107
«Amilcar Cabral. Apontamentos sobre a poesia cabo-
verdiana»: 107
Ambiente: 36, 103
América: 7, 67
Amor perfeito: 98
«Amores de urna creoula»: 21, 98
Ana a Kalunga: 11
Anahory, Terêncio: 46, 50, 105
Anais das Missões Ultramarinas: 28
Andrade, Costa: 87, 114

Andrade, Mário: 74, 107, 114
Andrade, Mário Pinto de (Vide Mário de Andrade)
Alcântara, Oswaldo. Vide Baltasar Lopes
Angola: 8, 9, 14, 15, 17, 19, 25, 26, 32, 50, 58, 81, 89, 94, 96,
97, 100
António, M.: 114
Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea: 62, 107
Antologia da poesia africana de expressão portuguesa: 105
«Antonias ou o caso do bairro Estephania»: 97
Araújo, Norman: 119
«Ao caso... no mar...»: 112
Aparecimento de uma actividade cultural regular em Angola:
8
«Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana»: 106, 107, 119
Arquipélago: 36, 103
Arteaga, António de: 21, 98
«As ilhas crioulas na sua poesia moderna»: 119
As literaturas da África de expressão portuguesa: 118
«As literaturas das ilhas de Cabo Verde e São Tomé»: 123, 124
«Aspectos marginais da literatura da Guiné Portuguesa»: 125
Ásia: 7
Associação Literária Angolana: 19
Associação Literária Grémio Cabo-verdiano: 98
Atlântico: 69, 109
Auí: 85
Augusto, Artur: 85
«Augusto Silvério Ferreira – Perfil biográfico e alguns
aspectos da sua vida»: 97
Aulete, Caldas: 94
Auto de Floripes: 29
Azevedo, Osvaldo: 74
Azevedo, Pedro Corsino: 39, 40, 103

B

Bandeira, Manuel: 38
 Barbosa, Jorge: 35, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 52, 103
 Barbosa, Mário Macedo: 70
 Barcelos, Christiano José de Senna: 94, 119
 Barros, João de: 7
 Barros, Manuel Alves de Figueiredo: 23
 Barros, Marcelino Marques de: 27, 125
 Barreto, Joaquim Augusto Maria: 23
Beira Caes: 65
 Bibliografia passiva (selectiva): 114
 Biblioteca da cidade da Praia (C. Verde): 94
 Biblioteca da Companhia de Diamantes de Angola (Lisboa):
 95
 Biblioteca Nacional de Lisboa: 97, 98
 Bilinguismo cabo-verdiano: 69, 109
 Bobella Mota: 114
Boletim Cultural da Guiné Portuguesa: 86
Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa: 28
Boletim de Filologia: 123
Boletim dos Alunos do Liceu Gil Eanes: 54
 Boletins Oficiais: Cabo Verde: 93, 97; Angola: 97;
 Moçambique: 97; S. Tomé e Príncipe: 97; Guiné-Bissau: 97
 «Bosquejo d'um passeio ao interior da ilha de S. Thiago»: 21,
 99
 Brasil: 22, 26, 57
 Bruhl, Levy: 11

C

Cabo Verde: 19, 20, 21, 22, 24, 25, 28, 32, 35, 43, 58, 59, 69,
 73, 86, 89, 91, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 102, 104, 106, 107,
 111, 113, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124
Caboverdeadamente construção meu amor: 55, 56, 105
Cabo Verde. Contribuição para o estudo do dialecto crioulo:
 117, 118

Cabo Verde. Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago: 109, 118
«Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe»: 121, 122
Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe. Esquema de uma evolução conjunta: 102
Cabo Verde — formação e extensão de uma sociedade escravocrata — 1640-1878: 100, 119
Cabo Verde — Renascença de uma civilização no Atlântico Médio: 123
Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: 34, 99, 121
Cabo-verdianidade: 24
«Cabo-verdianidade e africanidade»: 119
Cabral, Alexandre: 96
Cabral, Amílcar: 25, 59, 60, 86, 89, 106, 111, 115, 119
Cabral, António: 88, 112
Caderno de um ilhéu: 36
Cadornega, António de Oliveira: 9, 95
Caes de ver partir: 43
Caes-do-Sodré té Salamansa: 68
Camacho, Brito: 12
Caminhada: 48, 70, 104
Caminho longe: 50, 66, 105
«Caminhos»: 111
Camões: 7
Cancioneiro: 7
Cancioneiro da ilha: 43, 104
Cancioneiro da saudade e da morte: 100
Canções crioulas: 70
Cântico de ferro: 50, 105
«Cantiga da minha ilha»: 105
«Capitão Ambrósio»: 50, 105
Cardoso, António Mendes: 57
Cardoso, Nuno Catarino: 100
Cardoso, Pedro: 23, 24, 46, 70, 71, 101, 104, 109, 119
Carlos, José: 90, 91, 112
Carreira, António: 100, 119

«Carta do padre António Vieira escrita de Cabo Verde ao padre confessor de sua alteza indo arribado aquelle Estado»: 99

Casimiro, Augusto: 11

Cartilha Nacional: 94

Cartilha racional para se aprender o kimbundo escrito segundo a Cartilha Maternal do Dr. João de Deus: 97

Carvalho, Norberto Tavares. Vide Kôte

Castro, José Monteiro: 80

Casa-grande e senzala: 34

Casa dos Estudantes do Império: 80, 103

114 contos angolanos: 18

Certeza: 35, 42, 43, 44, 47, 68, 72, 73, 104, 107

César, Amândio: 115

Chagas, Manuel Pinheiro: 10

Chatelain, Héli: 18

Chaves, Castelo Branco: 67

Chelmichi, José Conrado Carlos de: 93

Chiquinbo: 60

Chuva brava: 63

Cidade, Hernâni: 8, 80

Circe: 98

Clamor Africano: 26

Claridade: 24, 26, 32, 35, 39, 41, 42, 47, 48, 52, 54, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 70, 71, 72, 73, 85, 103, 104, 108, 109, 121, 122, 123, 124

Clima: 57, 106

Cochofel, João José: 120

Coisificação do homem negro: 17

Coladeira: 70

COLÓQUIO/Letras: 104, 109, 120

Colóquios cabo-verdianos: 100, 121, 122

«Comunicado»: 106

Conferência Internacional dos Africanos Ocidentais: 124

Congo: 96

Conselho Nacional de Cultura da Guiné-Bissau: 112

Consciência regional (Cabo Verde): 34

Consciencialização na literatura cabo-verdiana: 64, 123
«Contos e cantares africanos» 28
Contos novos: 98
Contos populares e lendas: 28
Contos populares de Angola: 18
Contos selvagens: 12
«Contos singelos. Nhô José Pedro ou Scenas da ilha Brava»:
21, 99
Contra mar e vento: 67
«Contributo para a história da Imprensa em Moçambique»: 26
«Convergência lírica portuguesa num poeta cabo-verdiano na
língua crioula, do séc. XIX»: 122
*Corografia cabo-verdiana ou Descrição Geográfica-Histórica da
Província das ilhas de Cabo-Verde e Guiné*: 93
Costa, Jorge António da. Vide Jorge Ampla Cumelerbo
Costa, Luiz Theodoro de Freitas e: 23
Costa, Teófilo José da: 97
Couto, Diogo do: 7
Couto, Ribeiro: 38
Crioulo e outros poemas: 103
«Cronologia de Angola» [manuscrito]: 97
Cultura (II): 111
«Cultura e Arte» do *Comércio do Porto*: 108, 123
«Cultura» de *Voz di Povo*: 106
Cumelerbo, Jorge Ampla: 89, 112
Curcutiçans: 70

D

D. Afonso de Portugal: 95
Dambará, Kaoberdiano: 71
Dantas, Guilherme A. da Cunha: 21, 99
Davyes, Tony. Vide António Sérgio Maria
«De Costa Alegre a Francisco José Tenreiro»: 124
Delírios: 18

«Depois de mim»: 112
Desalentos: 96
Descobertas e expansão: 7, 8, 93
Despedida breve: 96
«Desespero»: 112
Diário da Manhã: 16, 38, 103
Diário Popular: 98
Dias, Estácio: 27
Diogène: 116
Discurso da acção colonizadora: 12, 13
Distância: 65
«Do fundo ao sobrado ou o mundo que o mulato criou»: 99,
100
Dois escritores quinhentistas de Cabo Verde — André Álvares de
Almada e André Dornelas: 95
Domingues, Mário: 80, 82
Dornelas, André: 9
12 poemas de circunstância: 47
«Drama»: 69, 109
«Dramas da pesca da baleia»: 22, 99
Dramática Associação Igualdade: 98
Duarte, Fausto: 85, 86
Duarte, Pedro: 62, 74
Duarte, Custódio José: 23
Duarte, Manuel: 119

E

*Elegia à memória das infelizes vítimas assassinadas por Francisco de
Mattos Lobo, na noite de 25 de junho de 1844*: 9
Eloy, Mário: 80
«Em torno da minha baía»: 110
Emigração: 108
Ensaios literários: 19
Ensino oficial: 8

Ensino particular: 8
Equatoriais: 28
«Era de ouro»: 41, 103
«Escreverei mais um poema»: 112
Espiral: 125
Espontaneidades da minha alma: 9, 15, 96
Estrada larga: 116, 118, 119
Essays Portuguese-African Literature: 116
Estudos Ultramarinos: 122, 124, 125
Evocação do Recife: 34
Ensaio de dicionário kimbundo-português: 97
Ensino: 93
Ervedosa, Carlos: 97
Expressão em crioulo: 82, 91, 113
Exemplo dúbio: 105
Exemplo geral: 105
Exemplo relativo: 105
Expresso: 107
Evasionismo: 64, 108

F

Famintos: 64
Ferreira, José da Silva Maia: 9, 15, 96
Ferreira, Lourenço do Carmo: 18
Ferreira, Serafim: 114
«Ficção cabo-verdiana»: 121
Figueira, Manuel: 74, 96, 100, 103, 106, 107, 111, 114, 115,
119
Figueiredo, Jaime de: 24, 59, 69, 74, 109, 114
Filipe, Daniel: 58, 59, 106
Finançons: 70
Flirts: 98
Flores cinzentas: 98
Fogo (ilha): 67

Folclore cabo-verdeano: 24, 109, 119
Folk-Tales of Angola: 18
Fonseca, Aguinaldo: 46, 104
Fonseca, Jorge Carlos da: 73, 74
Fonseca, Mário: 51, 57, 73, 74
Fontes, Amândio: 34
Foram estes os vencidos: 85
Formação das literaturas africanas de expressão portuguesa:
117, 118
Fortes, Corsino: 54, 57, 71, 74, 105, 121
Foz do Zaire: 8, 93
França, Arnaldo: 43, 74, 104, 107, 120
França, José-Augusto: 96
Freire, Maria da Graça: 12
Freyre, Gilberto: 34
Frusoni, Sérgio: 70, 71, 72
Furtado, J. Cândido: 15, 96

G

«Galinha branca»: 41, 103
Galvão, Henrique: 11
Gazeta de Portugal: 97
«Geba»: 112
Gente da ilha: 66
Gérard, Albert S.: 120
Góis, Damião de: 7
Gobineau: 11
Gonçalves, António Aurélio: 62, 67, 74, 107, 114, 120
Gonzaga, Tomás António: 26
Gorgulho (governador): 110
Graça, Leitão: 62
Grande dicionário da literatura portuguesa e de teoria literária: 120
Gregório, Pedro: 74
Gritarei berrarei matarei/Não Vou para Pasárgada: 48, 105

Grupo Desportivo e Cultural do Banco Nacional
 Ultramarino: 86
Guerra, Henrique: 87
Guillén, Nicolás: 74, 78
Guiné: 9
Guiné-Bissau: 25, 27, 28, 32, 85, 86, 87, 89, 94, 97, 107, 111,
 112, 113, 125

H

Hamilton, Russel G.: 115
Herdeck, Donald E.: 116
Hespérides: 101
Histórias do Zaire: 96
História geral das guerras angolanas: 95
Hora di bai (partida): 108
Hora grande: 47, 104
Horas sem carne: 105
Horizonte aberto: 56, 106
«How African is the African literature written in portuguese»:
 117

I

Ilba: 60, 106, 107
Ilha de Santiago: 20, 74
Ilha do Príncipe: 80
«Incidences socio-économiques sur la poésie noire
 d'expression portugaise»: 116
Influência brasileira: 34
«Inquietação e serenidade. Aspectos da insularidade na poesia
 cabo-verdiana»: 122
«Irmão branco»: 58
Itinerário da literatura angolana: 97

J

Jahn, Janheinz: 95
Matta, Joaquim Ria. Vide Joaquim Dias Cordeiro da Mata.
Jardim das Hespérides: 104
«Jorge Barbosa»: 120
Jornal de Angola: 97
Jornal do Comércio e das Colónias: 16
Jornalismo: 18, 19 (ver para trás)
Joaquim. Vide Joaquim Namorado
Juca, a Matumbolla: 16, 96
Justen. Vide Justino Nunes Monteiro

K

Kondé, Kwams: 56, 57, 106
Kordá, Kaoberdi: 56, 71, 106
Kôte: 89, 112

L

«Lar»: 57, 106
Laranjeira, Pires: 114
Le créole de la Guiné-Bissau: 125
Leite, Januário: 24, 101
Lemos, João de: 11
Lepeckí, Maria Lúcia: 68, 109
Ler e depois: 108
«Letras e Artes»: 52
Liberdade de expressão: 8
Lima, Gertrudes Ferreira: 23
Lima Júnior, Armando: 56

Lima, Jorge de: 38
Linha do horizonte: 46, 104
Língua cabo-verdiana: 61, 72
Lírica: 34, 76, 85, 102, 110, 111
Líricas portuguesas: 103
Lisboa: 9, 17, 18, 19, 20, 27, 30, 44, 50, 62, 66, 67, 68, 80,82
Literatura angolana: 15, 77
«Literatura cabo-verdiana»: 123
Literatura colonial: 9, 10, 14, 17, 20, 21, 32, 85, 95
Literatura contemporânea da África Oriental e Meridional: 123
Literatura dos negros: 27
Literatura moçambicana: 77
Literatura portuguesa moderna: 116
Livro da dor: 27
Lopes, Baltasar: 34, 39, 41, 60, 61, 63, 74, 99, 103, 107, 109,
120, 121
Lopes, Francisco: 62
Lopes, José: 23, 24, 100, 101
Lopes Jr., António: 89, 112
Lopes, Manuel: 39, 40, 60, 63, 64, 103, 121
Lopes, Óscar: 63, 108, 121
Luanda: 15, 16, 18, 19, 65
Lusíadas: 12
Luç e Crença: 19
Lyceu Nacional da Província de Cabo Verde: 93
Lzĩmparim-Negrume: 71

M

Macedo, António Dias: 9, 95
Maiá Póçon: 82
Machado, Pedro Félix: 17, 96
«Magia negra»: 46
Mákuà: 105
«Mamãe»: 45

Manuel de littérature néo-africaine: 95
Manténhas para quem luta!: 32, 87, 91, 112
 Marecos, Ernesto: 16, 96
 Mariano, João: 23
 Marky, Sum: 82
 Margarido, Maria Manuela: 79, 110, 124
 Margarido, Alfredo: 80, 110, 111, 114, 116
 Maria, António Sérgio: 89
 Mariano, Dante: 56, 106
 Mariano, Gabriel: 46, 47, 49, 52, 62, 65, 66, 71, 98, 99, 104, 105, 121
Marinheiro em terra: 58
 Marques, José Ferreira. Vide Sum Marky
 Martins, Ovídio: 46, 48, 49, 52, 62, 65, 70, 71, 73, 74, 104
 Martins, Rolando Vera-Cruz: 51, 52, 105
 Martins, Tomaz: 43, 104
 Mascarenhas, Maria Margarida: 62
 Massacre de Batepá (S. Tomé): 110
 Matta, J. Dias Cordeiro da: 15, 18, 97
 Medeiros, Tomaz: 79, 83, 111
 «Memórias de um rapaz pobre»: 21, 99
Mensagem (Angola): 32
 Mensagem (Casa dos Estudantes do Império): 103, 107, 111
 «Mentalidade pré-lógica»: 11
 Mestre de gramática (S. Tiago — C. Verde): 94
 «Meu canto Europa»: 111
 Miranda, Nuno: 43, 62, 66, 104
Missiva: 58, 106
 Moçambique: 16, 19, 25, 26, 27, 32, 81, 89, 93, 94, 97, 101, 122
Modernos autores portugueses: 82
Modernos poetas cabo-verdianos: 59
Modo de ler: 121
 Moisés, Massaud: 116
 Monteiro, Justino Nunes: 91
 Monteiro Júnior, José Maria de Sousa: 23
 Morazzo, Yolanda: 46, 50, 105

Morna: 38, 70
Mornas — Cantigas crioulas: 70, 109
«Morte desenraizada»: 112
Moser, Gerald: 95, 114, 116
Mota, A. Teixeira da: 95
Msabo: 32
Museu Nacional da cidade da Praia (C. Verde): 94

N

Nacionalismo imperial: 13
«Nada nos separa»: 104
Namorado, Joaquim: 110
Narrativa: 60, 82, 107, 111
Natureza morta: 96
Nga Mutúri: 16
Negreiros, António Almada: 28
Negrismo: 31
Negritude: 15, 35, 76, 77, 80
Negritude as a theme in the poetry of the Portuguese — Speaking World:
117
«Negritude e cabo-verdianidade»: 121
Negritude e humanismo: 116
Neo-realismo: 35
Neto, Agostinho: 114
Neves, Eduardo: 15
Neves, João Teixeira das: 12
New York Public Library: 95
No reino de Caliban: 59, 96, 103, 106, 111
Nó Pintcha: 107
Noite de vento: 68
Nós Vida: 52
Nossa terra: 109
Notas sobre poesia e ficção cabo-verdianas: 43, 120
Notícias de Cabo Verde: 51

Nova largada: 11
Noti: 71
Nunes, António: 44, 45, 104
Nunes, João José: 23
Nunes, Maria Luísa: 123
Nunes, Mary Louise. Vide Maria Luísa Nunes

O

O Brado Africano: 27
O Africano: 26, 27
O Comércio de Luanda: 19
«O círculo do mar e o *terra-longismo* em *Chiquinbo* de Baltasar Lopes»: 120
O Diabo: 110
O dialecto crioulo de Cabo Verde: 109, 121
O Dr. Duprat: 96
O Echo de Angola: 18
O Equador: 29, 97
O enterro de nba Candinba Sena: 68
O escravo: 20, 21, 98
O filho adúltero: 96, 97
O galo que cantou na baía: 63
O Guineense: 125
O Independente: 97
«O julgar pertence à história»: 112
O luandense da alta e da baixa esfera — estudo crítico e analítico: 97
O menino entre gigantes: 82
O Mundo Português: 85
O negro sem alma: 85
«O papel da cultura na luta pela independência»: 115
«O papel das tradições estrangeiras na formação das literaturas africanas de expressão portuguesa»: 117
O primeiro livro de Notcha: 52, 105
O Progresso: 97

O rapaz doente: 65
O sangue das rosas: 98
O sertão: 19
O tchiloli ou A tragédia do Marquês de Mântua e de Carloto Magno:
29
«O tchiloli ou as tragédias de São Tomé e Príncipe»: 125
O vélo d'oiro: 11
O vigilante: 26
Obra poética de Francisco José Tenreiro: 77, 110
Oceania: 7
Ocidente: 123
Oliveira, José Osório de: 12, 123
«Onde estão os homens caçados neste vento de loucura»: 78,
110
Origem da poesia angolana: 9
Orta, Garcia de: 7
Os esotéricos: 98
Os flagelados do vento leste: 64
Osório, Oswaldo: 51, 52, 55, 57, 62, 71, 74, 105
Os sertões d'Africa: 10

P

P.A.I.G.C.: 25, 59, 87, 107
Padres Jesuítas de Angola: 8
«Paisagem»: 111
Paquete, Tomás: 89, 112
«Panorama»: 104, 116
Pão & fonema: 54, 105
«Para ti, Mãe Iva»: 107
«Paz»: 44
«Paz – 3»: 104
Pascoaes, Teixeira de: 12
Pedro, António: 38, 39, 59, 103
Pedro, Jorge: 57, 59, 70

Pereira, Duarte Pacheco: 7
Philosophia popular em provérbios angolenses: 18
Pinto, Fernão Mendes: 7
Pinto, Francisco António: 96
Pinto, Mário Duarte: 23
Pinto Bull, Benjamim: 85, 117, 125
Pires, António: 12
Pires, Aydeia Avelino: 62
Pires, Virgílio: 57, 59, 62
«Poema»: 105
«Poema»: 112
«Poema de amanhã»: 44
«Poema de um assimilado»: 112
«Poema para depois»: 106
Poemas: 86
Poemas de longe: 44, 104
Poemas cabo-verdianos: 58
«Poema para tu decorares»: 104
«Poema sem tempo»: 105
Poesia de Cabo Verde: 123
Poetas de S. Tomé e Príncipe: 80, 110, 111
Poetas modernos cabo-verdianos: 24
Poílão: 86, 87
Poetisas portuguesas: 100
Prelo (nas ex-colónias): 8, 9, 94, 96, 114
Presença: 34
Presença crioula: 62
Preto, Alves: 82, 111
Preto-Rodas, Richard A.: 117
Primeiro escritor africano de língua europeia: 95
Primeiros periódicos não oficiais: 97
Poetas de S. Tomé e Príncipe: 80, 110, 111
Povô flogá: 125
«*Processo poesia*»: 118
Pródigo: 68
Pró-Guiné: 27, 86, 97
Proença, Helder: 88, 112

Pusich, Antónia Gertrudes: 9, 19

Q

«Quem é que não se lembra»: 60, 106

«Quituxi»: 16

R

Raízes: 73, 74, 107

Ramos, Artur: 34

Raposo, Hipólito: 11, 12

«Recordai do desterro no dia de S. Silvestre de 1957»: 41

Rebelo, Marques: 34

Reino do Congo: 8

Reis, Fernando: 125

«Reflexões sobre a literatura cabo-verdiana ou a literatura nos meios pequenos»: 121

Regalla, Agnelo Augusto: 87, 112

«Regards sur la poesie africaine d'expression portugaise»: 117

Rego, José Lins do: 34

«Regresso»: 107

«Regresso do homem negro»: 111

«Relance da literatura cabo-verdiana»: 123

«Renascença»: 103

Repique do sino: 110

«Revelação»: 104

Revista Lusitana: 28, 125

Revolução: 57, 73, 88

Ríausova, Helena A.: 117, 123, 124

Ribas, Tomaz: 125

«Ritmo de pilão»: 45, 104

Rocheteau, Guilherme: 43, 104

«Roça»: 110

Rodrigues, João: 62
Rodrigues, Sebastião: 95
Romance íntimo: 17, 96
Romano, Luís: 57, 62, 64, 65, 71, 106, 107, 123
Rosa, Guimarães: 61
Rosa, Jorge Eduardo: 18
Roteiro de África: 12
Rui, Manuel: 114
Rumo ao degredo: 85

S

S. Tomé: 66, 82
S. Tomé e Príncipe: 25, 28, 29, 32, 80, 81, 82, 89, 93, 94, 97,
102, 110, 111, 124
S. Vicente (Cabo Verde): 67, 68, 106
«Saga»: 104
Said, Nagib: 90, 112
Salvaterra, Armando: 90, 112
Salema, Álvaro: 67
Sangazuza: 83
Sangue cuanbama: 12
S. Paulo de Assunção de Luanda: 117
Sarmiento, Alfredo de: 10
Santo, Alda do Espírito: 78, 110, 124
Santo Antão (C. Verde): 20, 64, 65, 71
Scenas d'África: 17, 96
Seara Nova: 60
«Segue o teu rumo irmão»: 60, 106
II Congresso das comunidades de cultura portuguesa: 122
Semedo, Carlos: 86
Sequeira, José Pedro: 89, 112
«Séló»: 35, 51, 52, 62, 73
Seminário — Liceu da ilha de S. Nicolau: 70
Seminário eclesiástico da diocese de Cabo Verde: 94

Sena, Jorge de: 37, 103
Sentimento de cor na literatura cabo-verdiana: 23
Sentimento nacional: 14, 25, 32, 96
Serra, Manuel: 62
Silva, António Corsino Lopes da: 23
Silveira, Onésimo: 47, 49, 52, 62, 64, 65, 104, 108, 123
Silveira, Pedro da: 103, 123
«Sobrados, lojas e funcos» 124
Sociedade Gabinete de Leitura (Praia, C. Verde): 94, 98
«Soba Quinty»: 112
Socopé: 83
«Somos crianças»: 112
Sonetistas portugueses e luso-brasileiros: 100
Sorbonne: 85
Soromenho, Castro: 67
Sorrisos: 96
Sousa, Teixeira de: 62, 67, 123
Stockler, Francisco: 83
Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné: 94
Suplemento Cultural: 35, 46, 47, 50, 73, 102
Sukre D'Sal: 56, 57, 71, 106

T

Tacalhe: 56, 57, 71, 73, 74, 106
Tavares, Eugénio: 21, 23, 70, 71, 72, 99, 108, 109, 122
Tchuchinha: 65
Teixeira, António Manuel: 19, 70
Tendeiro, João: 125
Tenreiro, Francisco José: 32, 76, 77, 78, 80, 82, 102, 110, 118,
124
Terra de sôdade — argumento para bailado folclórico: 69, 109
Terra quente: 96
«Terralongismo»: 108
The phonologie of Cape Verdean dialects of portuguese: 123

«The literature of Cape Verde»: 120
Tiofe, Timóteo Tio: 52, 53, 57, 105
Toda a gente fala: sim senhor: 65
Torres, Alexandre Pinheiro: 28, 118
Tratado breve dos reinos (ou rios) da Guiné: 9
Troni, Alfredo: 16, 17

U

«Uma experiência romântica nos trópicos»: 109, 121
«Um homem igual a tantos»: 82, 111
Uma introdução à poesia de Jorg Barbosa: 122
Uma teima: 96
UNESCO: 115

V

Varela, João Manuel. Vide Timóteo Tio Tiofe
Vário, João: Vide Timóteo Tio Tiofe
Vasconcelos, Henrique de: 19, 98
Vasconcelos, J. Leite: 28
Vasconcelos, Medina: 23
Veiga, Marcelo: 80, 111
Vera-Cruz, Rolando. Vide Rolando Vera-Cruz Martins
Versos: 29, 30, 31, 102
Vértice: 51, 52, 105, 119
Viagem para além da fronteira: 58, 106
Vicente, Gil: 7, 95
«Vida Colonial»: 100
Vida Contemporânea: 100
Vida crioula: 65
Vida e morte de João Cabafume: 65, 66
Videira, António Gonçalves: 12
«Vida creoula na América»: 21, 99

Vieira, António: 22, 99
Vieira, Arménio: 51, 57, 71, 73, 74, 105
Vieira, José Luandino: 61
Vila flogá: 82
«Vinte anos depois»: 21, 99
Virgens loucas: 68, 109
Virginio, Teobaldo: 58, 62, 65, 106
Voices from an Empire. A History of Afro-Portuguese Literature: 115
Voz da Pátria: 28
Voz do Povo: 57, 62, 106, 109
Vozes: 106, 107

Z

Zurara, Gomes Eanes de: 7